



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

PATRÍCIA COSTA RAMALHO BULHÕES

**AS ARTES EM MEU CORPO:
PERFORMANCES EM BUSCA DO RE- CORPO NA ESCOLA**

**João Pessoa, PB
2024**

PATRÍCIA COSTA RAMALHO BULHÕES

**AS ARTES EM MEU CORPO:
PERFORMANCES EM BUSCA DO RE- CORPO NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura

**João Pessoa, PB
2024**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B933a Bulhões, Patricia Costa Ramalho.

As artes em meu corpo: performances em busca do
re-corpo na escola / Patricia Costa Ramalho Bulhões. -
João Pessoa, 2024.
68 f. : il.

Orientação: Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Dança - TCC. 2. Dança - Performance. 3. Dança -
Corpo - Memória. I. Boaventura, Michelle Aparecida
Gabrielli. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 793.3(043.2)

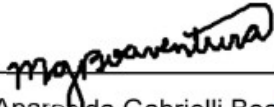
PATRÍCIA COSTA RAMALHO BULHÕES

AS ARTES EM MEU CORPO:
PERFORMANCES EM BUSCA DO RE-CORPO NA ESCOLA

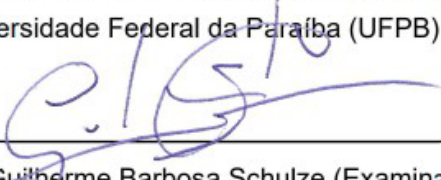
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Dança da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Dança.

Aprovado em: 15 / 05 / 2024.

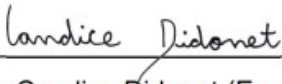
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof.Dr. Guilherme Barbosa Schulze (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profa. Ma. Candice Didonet (Examinadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Meu corpo fenomenal

Dedico está escrita à minha amada mãe,
Antônia de Fatima, e ao meu esposo,
Watson Bulhões, e seu sorriso na escola.



Agradeço a Deus pelas nuvens do céu.

À minha amada família. A

À minha orientadora, Mika (tão pequeninha e tão grande).

Aos meus amigos-artistas-dançantes.

À minha amiga Ray, tão especial, arte de ternura, de amizade.

Minhas amigas Mayara e Emily, que me ensinaram a vencer guerras com dança.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB, impulso para dançar!

Ao professor Guilherme Schulze e a professora Candice Didonet, que tanto me ensinaram e estão comigo nessa defesa.

À escola Darcy Ribeiro, seus alunos/*performers*, que me levaram ao encontro comigo em arte de ensinar e aprender.

Minha vida (existência fenomenal).

Agradeço a Deus, por minha mãe, Antônia de Fatima e meu esposo, Watson. Não posso esquecer, do meu pai, Armando, que tanto me inspirou danças no percorrer do curso.



“Gente é como nuvem, sempre se transforma”
(Angel Vianna)

RESUMO

O dedilhar dessa escrita, em porosidade, em performance, relaciona-se com as minhas memórias, histórias, lembranças de filha, aluna, regente, *performer* e curiosa, também ousada, em sentir/pensar e criar/fazer, caminhos de busca do corpo em sua existência na escola. Assim, re-significando, o corpo, sendo re-corpo, trago-o como corpo vasto e múltiplo de sentidos e significados na/para aprendizagem. No percurso vivido no Estágio Supervisionado II, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro, com as turmas do 8º e 9º anos, lugar de travessia, de encontro, articulo Ser presença, Ser *performer*, tendo minha história de vida como impulso no processo pedagógico, procurando se distanciar do padrão de educação formal, atravessado em performances. O Tempo de escrita e o tempo de Estágio Supervisionado II, em presença, são a profundidade fenomenológica, da materialidade e vida. A *Performer*/escritora e a *Performer*/regente, entrelaçam-se na busca por Ser no mundo, por Ser na escola. No desejo de adoção da performance na aprendizagem, como possibilidade de existência na educação formal, *performo*/escrevo abertura de ação dos corpos nos saberes, em suas formulações e re-formulações, corpos re-fazendo-se em experiências, em saberes. A experimentação, a presença, o diálogo e no entre-lugar a performance são as justificativas política/afetiva de Ser, de Ser corpo no **MUNDO/ESCOLA**. Nesse caminho, o objetivo geral da pesquisa é apresentado numa escrita performativa, de forma porosa, buscando articular sobre o corpo na escola, sendo linha de fuga, dos paradigmas do ato de ensinar-aprender. O método (caminho) se cria/faz na medialidade de unir fenomenologia e performance, confiando que são possibilidades facilitadoras no processo para transgredir modos “operativos” de ensinar, percebendo no corpo vivo, sensibilidade, em seus modos de Ser para aprender-ensinar, ensinar-aprender. As memórias, histórias, lembranças são olhares, na performance, comungados nas aprendizagens, nas experiências com o corpo. Acreditando que **EU/OUTRO**, somos juntos mundo. As reflexões buscam sensibilidades, que seguem em escrita, no movimento, de integrar-nos. Assim, confiando no nós, possibilidades de proposições performáticas pelos corpos, em artes, em performances são caminhos possíveis de transgressão. Escrevo/*performo*, construindo e reconstruindo meu corpo para chegar no ensejo de que, todos somos *performers*, quando compomos juntos, aprendizagem. Sigo transformada, nas artes pelos corpos, no eu pelos outros, no **EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA**.

Palavras-chave: performance; escrita; escola; mundo; re-corpo.

ABSTRACT

The strumming of this writing, in porosity, in performance, is related to my memories, stories, memories as a daughter, student, conductor, performer and curious, also daring, in feeling/thinking and creating/doing, paths of search for the body in it's existence at school. Thus, by re-signifying, the body, being a re-body, I bring it as a vast and multiple body of senses and meanings in/for learning. In the path lived in the Supervised Internship II, of the Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro, with the classes of the 8th and 9th grades, a place of crossing, of meeting, articulation Being presence, Being a performer, having my life story as an impulse in the pedagogical process, seeking to distance myself from the standard of formal education, crossed in performances. The time of writing and the time of Supervised Internship II, in presence, are the phenomenological depth, of materiality and life. The Performer/writer and the Performer/conductor are intertwined in the search for Being in the world, for Being in the school. In the desire to adopt performance in learning, as a possibility of existence in formal education, I perform/write the opening of the bodies' actions in knowledge, in their formulations and re-formulations, bodies re-making themselves in experiences, in knowledge. Experimentation, presence, dialogue and, in between, performance are the political/affective justifications of Being, of Being body in the **WORLD/SCHOOL**. In this way, the general objective of the research is presented in a performative writing, in a porous way, seeking to articulate about the body in school, being a line of flight from the paradigms of the act of teaching-learning. The method (path) is created/made in the mediality of uniting phenomenology and performance, trusting that they are facilitating possibilities in the process to transgress "operative" ways of teaching, perceiving in the living body, sensitivity, in its ways of Being to learn-teach, teach-learn. Memories, stories, remembrances are looks, in performance, communed in learning, in experiences with the body. Believing that **I/OTHER** are the world together. The reflections seek sensibilities, which follow in writing, in the movement, to integrate us. Thus, trusting in the we, possibilities of performative propositions by bodies, in arts, in performances are possible paths of transgression. I write/perform, building and reconstructing my body to arrive at the opportunity that we are all performers, when we compose together, learning. I continue to be transformed, in the arts by the bodies, in the self by the others, in the **I/OTHER/US/WORLD/SCHOOL**.

Keywords: performance; writing; school; world; re-body.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Retrato da Alfabetização	15
Imagem 2 - Eu/ <i>Performer</i>	16
Imagem 3 – Em meses de vida.....	17
Imagem 4 – Esquema em performance: corpo/passagem	21
Imagem 5 – Vestida por minha mãe	26
Imagem 6 – Perceber.....	27
Imagem 7 – Desfile de Abertura dos Jogos Escolares.....	30
Imagem 8 – Entre nuvens e gente	38
Imagem 9 – No birô do professor.....	39
Imagem 10 – No entre-lugar.	40
Imagem 11 – O quadro e o poema	41
Imagem 12 – Os corredores e seus ventos em nuvens.	43
Imagem 13 – Em performance: do Estágio para escrita	44
Imagem 14 – Entre paredes e corpos.....	46
Imagem 15 – Ser <i>Performer</i>	49
Imagem 16 – No toque das bordas.....	51
Imagem 17 – Do arremesso singelo.....	54
Imagem 18 – Do arremesso singelo em mim	55
Imagem 19 – Tela Habitada.....	55
Imagem 20 – “corpo-arquitetura”	55
Imagem 21 – Fotoperformance em peles.....	56
Imagem 22 – Molduras em peles.....	58
Imagem 23 – Escola/vida	59
Imagem 24 - Fenomenologia e Performance	61
Imagem 25 – Dedos sobre teclas.....	62
Imagem 26 – Revestida de muitas.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO OU REMEMBRações DO RE-CORPO Fluxos do Mim (EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA)	10
2 CAPÍTULO I - CAPTURAS DE MIM: DESDE QUANDO SOU <i>PERFORMER</i>?	16
2.1 Performance em Mim	18
2.2 Patrícia: <i>Performer</i> /Regente	22
2.3 Minha mãe: caminho fenomenológico de minha história de vida	24
3 CAPÍTULO II - EM MIM: HÁ PERCEPÇÃO, O PERCEBIDO NA EDUCAÇÃO	27
3.1 Volta mãe: me diz que sou <i>Performer</i>	29
3.2 Nas Ínfimas Percepções dos Tempos da Escola	30
3.3 Educação Formal: Adote a Performance e a deixe transgredir com A Fenomenologia do Existir	34
4 CAPÍTULO III - EU/<i>PERFORMER</i>: POÉTICA DE EXISTIR JUNTO A OUTROS	38
4.1 “Construir portas abertas, em portas...”: <i>Performar</i> de novo	41
4.2 Sentindo/pensando performances em ante-salas	42
4.3 Eu/ <i>Performer</i> /Regente: da experiência vivida para o processo sentido	45
4.3.1 Meça o começo: do adentrar a sala de aula para <i>performar</i>	48
4.3.2 Se não é performance, é o quê?	51
5 CONSIDERAÇÕES OU DISPOSITIVOS PARA <i>PERFORMAR</i>	62
REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO OU REMEMBRANÇAS DO RE-CORPO: Fluxos do Mim (EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA)



Ela está nos espaços, ela aqui escreve, ela é um corpo cheio e vazio de peripécias, desejos e trânsitos. Ela sou eu! Instantes busco nas memórias, nas histórias, na falta, capturas de mim. De porção em porção vou movendo o lugar que habita e ocupa meu corpo, no corpo do outro, no corpo do mundo, instigada de nós. Nessa movência, a meu ver, é na experimentação, que fugazmente o corpo, o eu, o Ser, corporifica-se na presença. “O desejo de presença, que invoquei, é uma reação a um mundo cotidiano amplamente cartesiano e historicamente específico que, pelo menos às vezes, queremos ultrapassar” (Gumbrecht, 2010, p.140). Sendo eu, muitas vezes procurando travessias. Pois, “somos educados na duplicidade da realidade - eu e o mundo; na duplicidade da convivência - eu e os outros; na duplicidade da pessoa-eu e o meu corpo” (Fontanella, 1995, p. 129). Nesse ajuizar, reduzidos na trama do mundo o emaranhar das relações, do “entre” **EU/OUTRO**, que dá vigor as ativações de experiências singulares e plurais, sendo para mim, indivisíveis, indissociáveis, reunidas no diálogo.

Percebendo, vendo, o diálogo, como caminho para invenção, pois “O diálogo é um ato de criação” (Freire, 1987, p. 79). Não posso deixar de apregoar-lo a relação (**EU/OUTRO/NÓS**), articulando que a mesma não se faz sozinha, sendo o criar/fazer potência de ação para a presença, para estar entre corpos. Assim, colocando que a minha intenção movente é contextualizar a relação dialógica como um ato de encontro que se alimenta da relação com o outro, performativamente, procuro Ser, o menos literal possível e o mais colateral que eu possa chegar.

Pois, quem, aqui e agora, transcorre essa introdução, procura Ser presença, procura Ser *performer*. Sendo, assim, o objetivo geral que compõe esse escrever-me, busca repensar sobre o corpo na escola, numa escrita performativa, de forma porosa, em linhas de fuga. Pois não sou de preceitos (normas, padrões, regras, ordens), sou do aberto, da aprendizagem em abertura de possibilidades, do tamanho do mundo. Assim, no propósito dos meus afetos para um nós, procuro *performar*, que tudo está entrelaçado no ensinar-aprender, no aprender-ensinar, na consonância com a vastidão do mundo, com a vastidão do corpo. Então, minha intuição me *move* a provocar reflexões sobre o corpo, buscando a dilatação de conversas que permeiam

possibilidades de perceber e criar/fazer arte pelo corpo, re-significando o corpo, repensando o corpo, enquanto presença existencial, no **MUNDO/ESCOLA**. Enxergando o corpo, como re-corpo, vasto e múltiplo, um corpo repleto de sentidos e significados, que não se fecha em forma moldada, mas que se formula e se re-formula, re-fazendo-se. Um corpo existente, corpo/mundo, em amplitude. Sendo re, em sua autenticidade, o corpo Ser, feito.

Pelo o revelado escrevo/*performo*, em objetivos específicos que tramam: refletir sobre o corpo na escola; provocar questionamentos sobre o corpo na educação formal; articular, *movendo*, o corpo em suas possibilidades de aprendizagem.

Nessa perspectiva: a experimentação, a presença, o diálogo e a performance fornecem aos meus anseios, justificativas que se firmam na busca da força política/afetiva de Ser, de Ser corpo no mundo. Nesse refletir: “Será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo com o nosso corpo” (Merleau-Ponty, 2006, p. 278). Dessa forma, por intervenção da educação formal e com impulso na escola pública, revestida numa composição e invenção performativa, onde me faço *Performer/Regente* numa experimentação “entre” eu e outros na sala de aula, reverbero meu olhar, presente! Procurando sentidos a quem a esse **MUNDO/ESCOLA** pertença de alguma forma.

O Curso de Licenciatura em Dança fez em mim, descobrir, explorar e conhecer diversas formas pedagógicas de *mover* o corpo e também perceber sua poética enquanto relação ao meu corpo, ao do outro e ao espaço que contemplamos. No percurso dos períodos mais e mais me chegavam possibilidades de transcender conhecimentos sobre a dança. Eu, que aqui vos fala, escrevendo, performando, vivi e vivo experiências significativas no que escolhi para seguir no mundo, a dança. Na vida acadêmica, no ano de 2023, no período de 08 de março a 14 de junho vivenciei meu Estágio Supervisionado II (Ensino Fundamental – Anos Finais), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro, localizada no bairro Funcionários II, onde alunos das turmas de 8º e 9º anos foram travessia de abertura de visões poéticas sobre eu e o outro e sobre conjugar a esse unir, a performance. Esse elo transbordado de sentidos para mim, são peripécias, desejos e trânsitos desse meu TCC, que procura Ser poroso, Ser meio, caminho de travessia, que busca refletir sobre o corpo, tendo como espaço, meu corpo, minha vida, a escola.

Foi na atividade de Estágio Supervisionado II que me vi na problemática envolta do corpo, do movimento, do dançar, indagando-me: Se o corpo que vai à

escola tem a condição de se manter estático numa carteira escolar, numa fila, como pode esse corpo estar em sua vivacidade? Como pode expressar-se? Somente o que há na cabeça interessa a educação? É só a mente que vai à escola? Se o corpo não está por inteiro, como pensá-lo como corpo vivo? Inventariada no encontro de corpos, no experimento do meu corpo como criar/fazer, então, provocada pelo ensejo do todo do corpo, fui afetada de forma colateral (intenção de afetar outrem e a mim mesma) e de performatividade (em estado presente, em corpo vivo), acreditando que ao rematar essa introdução, os objetivos ou desígnios do re-corpo, re-significado sejam manifesto começo ininterrupto nessa performance escrita.

O fluxo da *performer*, que aqui escreve, invoca na presença, experimentos mútuos. É através da presença, que procuro trazer contribuições para re-pensar o corpo na escola. “Minha presença no mundo, com o mundo e com os outros implica no meu conhecimento inteiro de mim mesmo. E quanto melhor me conheça nessa inteireza tanto mais possibilidade terei de, fazendo História, me saber sendo por ela refeito” (Freire, 2014, p. 72).

No âmbito dessa busca, a pesquisa se dará numa abordagem qualitativa, numa apreciação, que enxerga a experimentação, a presença, o diálogo e no entre-lugar a performance como paisagem de mediação para entendimentos do re-corpo, re-significado. A intenção da pesquisa é construir entrelaçamentos, ampliando sentidos, num sentir/pensar que alinha um criar/fazer, se desdobrando na poesia do corpo à revelação poética de existência, na arte, a performance, a dança da vida.

[...] a performance encontra termo e relação no corpo, na presença física, visto que tanto marca identidades quanto molda o corpo, dá ao corpo outra forma, outro sentido – seja ele um significado, uma sensação ou uma orientação. Isso quer dizer que, na performance, o corpo de narrativo passa a poético, não sendo tomado, portanto, e, apenas, como um aparato físico a partir do qual se constitui um indivíduo, uma singularidade orgânica. O corpo é um espaço de representação e atuação (Pereira, 2012, p. 293).

Percebendo também que a abordagem qualitativa permite “[...] incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerente aos atos, as relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (Minayo, 1996, p.10). Com essa compreensão, nesse querer encontro, relacionar-se no espaço, o campo da fenomenologia é sustentação, que se faz como método (caminho) para a ação, performatividade de Ser, de Ser *Performer/Regente*. Descobri em Maurice Merleau-

Ponty, filósofo francês, um amigo para ressaltar a importância de Ser corpo e de sentir/fazer, o corpo, presença no mundo.

O método da fenomenologia, “é uma descrição que nos introduz no discurso, na estrutura, na circulação do sentido, a partir daquilo que é origem de todo sentido, a própria existência, o ser-no-mundo” (Rezende, 1978, p. 175). É pelo corpo no mundo, o vivido, que no método (caminho), “a descrição, como significado da própria palavra, descreve, diz respeito ao ocorrido como percebido. Não traz julgamentos interpretativos. Pode ser uma descrição efetuada pelo próprio sujeito que vivencia a experiência, relatando-a em suas nuances” (Bicudo, 2011, p. 38). Assim, numa busca da presença do corpo, onde a fenomenologia se apresenta como um processo do vivido, da vida. O corpo está ativo na performance, ele é corpo com o outro, na produção de sentidos, “por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, performance designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente” (Zumthor, 2000, p. 50).

É nesse lugar, que o método (caminho) e o realizar se encontram, na presença, onde se pode como medialidade unir fenomenologia e performance, pois estão concatenadas como facilitadoras no processo de reverberar olhar no sensível para transgredir modos “operativos” e perceber um corpo vivo. Nessa compreensão de fenomenologia e de performatividade, reflito, provoco, articulo e escrevo na busca de criar/fazer um nós na educação formal, em corpo presente. E por que a educação formal? Vistas a ela transcorreram nos capítulos que aqui seguem.

No capítulo I, **Capturas de mim: Desde quando sou *Performer*?** resgato nas minhas memórias, na minha infância, a sustentação do meu sentir-me/pensar-me *performer*, inspirada na rememoração das minhas histórias, da minha vida. Nesse capítulo busco uma escrita/fala, que seja ação, atrevo-me, *performer*, tendo como testemunha minha mãe, nesse processo de fenomenologia (existência) e performance (ação), de nascer e *performar*, os desígnios de busca do re-corpo, re-significado na escola, é revelado. A *Performer*/Regente, que se fez, no Estágio Supervisionado II, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro, com as turmas do 8º e 9º anos, adentra, nesse capítulo, compreendendo o *performar*, através das experiências, das histórias, das memórias como política/poética de Ser, vislumbrando, e trazendo nuances na qual, no sentir/pensar, a educação sensível como inseparável do corpo em movimento no mundo.

No capítulo II, **Em mim: Há Percepção, o Percebido na Educação, o EU/OUTRO/NÓS** no **MUNDO/ESCOLA**, chega com o vigor da procura por transformações do âmbito da educação formal, no “lugar” escola, procurando olhar o corpo vivo, em seus sentidos e significados, em detrimento a um corpo dócil, padronizado, reprimido, instrumentalizado. A percepção de entendimento de re-corpo, re-significado, isto é, distante do entendimento do corpo como conjunto de órgãos, material, somente físico, corpo-objeto, chega com impulsos vitais, trazendo reflexões nas relações entre minhas histórias e os anseios de mudanças. Adotar a performance na educação formal é possibilidade, que ousa, para chegar a transformações. Assim, por meio do próprio corpo se opor ao discurso do poder, reverberando um nós pulsante nesse atravessamento.

No capítulo III, **Eu/Performer: poética de existir junto a outros**, a presença, a experimentação, o diálogo e a performance (no entre-lugar) se desdobram na sala de aula. Eu e o outro somos encontro. Os sentidos e significados de estar junto a outros, ao mesmo tempo que comunga, compartilha, troca, se interrompe, se interroga é reaberto, tornado infinito. Porque em performance, nem começamos e nem terminamos, somos trânsito, transitáveis. O corpo (formula e se re-formula).

Por dispositivos para *performar*, avivo, que linhas divisórias, não habitam, não ocupam e nem dedilham lugares nessa escrita performativa, aqui, tudo está entrelaçado. Capítulo I, II e III, vêm entrecruzados, o que está em um está no outro, assim, o que está em mim, está em você e há de chegar “um instante no mundo” (Merleau-Ponty, 2006), em que perceberemos como uno, no pertencer ao Ser no movimento/mundo. Assim entrego-me, assim transforme-me e torno-me muitas, em um só corpo, re-corpo, refeito.

Imagem 1 - Retrato da Alfabetização



Fonte: Arquivo pessoal, 1983

Imagem 2 – Eu/Performer

2 CAPÍTULO I - CAPTURAS DE MIM: DESDE QUANDO SOU *PERFORMER*?

Imagem 3 - Em meses de vida



Fonte: Arquivo pessoal, 1979

Com aberturas a esse momento, Capítulo I, procuro numa ressonância de corpo e memórias, possibilidades de Ser no mundo. Aqui, ativando o sentir/pensar, o sentir-me/pensar-me *Performer*, vislumbrando uma poética de me Ser, em movimento/mundo. Num olhar pelo próprio olhar como um fazer, pois não há, para mim, caminho mais político e poético, que se fazer ação para conhecer-se e assim atear transições. Quando procuro saber: Desde quando sou *Performer*? Os fluxos e capturas de mim, me levam a rememorar minhas histórias, minha vida. Aproximando-se, através, desse acesso, de articulações, que me fazem presença na vida e que me *move* estar presente nessa escrita.

A performance, como arte viva, “[...] é ato de presença no mundo e em si mesma. Nela o mundo está presente” (Zumthor, 2000, p. 67). Sinto/penso com o corpo quente, me leva a compreensão, que o lugar onde se habita e ocupa, pois, “não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo” (Merleau-Ponty, 2006, p. 207 e 208). É revelação e rearticulação acentuada da busca por se criar/fazer, existência, assim, vivência no mundo. Porém, “Desde que nascemos somos jogados para fora de nossa *casa* primeira – o útero materno – para um mundo estranho, desconhecido e hostil[...]” (Cordeiro, 2015, p. 12). O espaço, o mundo, se chega ao nosso corpo de maneira, onde encontro e ruptura, se estreitam. A problematização da profundidade do corpo no mundo se dá numa travessia sensível e questionável. Pois, é preciso compreender o corpo de forma a existir.

[...] Ao redor do corpo está a “esfera de movimento” ou “kinesfera”, cuja circunferência se pode alcançar com as extremidades estendidas normalmente [...] Fora dessa esfera imediata está o espaço mais amplo, o “geral”, no qual o homem só pode entrar distanciando-se da postura original. Tem que pisar fora das bordas de sua esfera imediata e criar outra nova, a partir de sua nova postura. Em outras palavras, transfere o que poderia se denominar de sua esfera “pessoal” a outro lugar no espaço geral. [...] Consequentemente, quando um homem dá vários passos adiante, leva também adiante sua esfera de movimento no espaço geral, segundo a distância de seus passos (Laban, 1990, p. 85-86).

Levando a esfera da vida, com bordas na performance, minhas memórias, histórias são paisagens poéticas dos meus passos até aqui, e adiante. Assim, me reafirmo, que onde me significo, me significo com o outro, no espaço do mundo. Catando, agora, palavras (porções, pulsões, torções), busco reconhecer: performances em meu corpo, as artes em meu corpo.

2.1 Performance em Mim

A performance nasce como arte híbrida, espetacular, mixed-media das artes plásticas, visuais e cênicas. Partindo da investigação de suporte, das assemblages do corpo (body art), dos happenings* que enfatizam o acontecimento e do uso de multimídia, a performance propõe modos inventivos num movimento anti-establishment e anti-arte. Surge como live art, ao mesmo tempo arte ao vivo, sem representação, e arte viva. Artistas conceituais e orgânicos, de diversas linguagens, criam a legenda da Arte da Performance: Kurt SWITTERS, Marcel DUCHAMP, John CAGE, Wolf VOSTELL, Dennis OPPENHEIM, Vito ACCONCI, Andy WARHOL, Gina PANE, Chris BUEDEN, Joseph BEUYS, Marina ABROMOVIC, Ana MANDIETA, dentre outros, com seus ritos de corpo, voz e presença (Guinsburg et al., 2006, p. 240).

Percebendo-a como arte viva, arte ao vivo, assim prefiro enxergá-la, nesse ata-me que dedilha essa performance escrita, que procura no espetacular, dá vistas, ao afetamento. Ousei! Respira, Patrícia. Assim, entrelaço a performance ao meu intuito, de provocar reflexões sobre o re-corpo, re-significado. Pois, fiz-me *Performer/Regente* no mover da vida, e isso cabe entender que

[...] ser professora é parte do meu projeto artístico. [...] Como professora-performer meu trabalho é propor e vivenciar experiências. Tais experiências visam o desenvolvimento e a integração das capacidades orgânicas, criativas e comunicacionais do atuante (performer, cidadão, sujeito histórico, vivente) e visam seu fortalecimento por meio do aumento da agilidade, flexibilidade e disponibilidade. Considero a sala de aula um dos mais interessantes espaços performativos, pois que estabelecemos, de antemão, um pacto colaborativo.

Trata-se de um espaço de criação e experimentação, um microcosmo político a ser poeticamente e pedagogicamente explorado (Fabião, 2009, p. 66).

Acreditando no criar/fazer, no experienciar, passagem, aqui pauso e respiro fundo, na busca da compreensão, resquícios de mim, em forma de ensinar e aprender. O que a performance manifesta, o escrito não pode traduzir, assim sendo constante atualizações que levam a diversos sentidos. Além disso, “se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade” (Merleau-Ponty, 2006, p. 227). Assim, estou a suar, estada com outros, em minha memória, que se faz presença.

Diferentemente do ato que descreve ou relata algo, a acepção do ato de fala performativo associa-se à realização de ações, a uma certa forma de agir, de operar, e sua eficácia depende diretamente das circunstâncias em que ocorre, podendo tornar-se sem efeito, se estas forem inadequadas [...]; mais do que dizer algo, a situação, após tais enunciações feitas, muda para outra coisa, desde que essas enunciações sejam executadas em contextos propícios a isso, que as validem (Pallamin, 2017, p. 77).

Buscando uma escrita/fala, que seja ação, atrevo-me *performer*. Falando através de mim, busco falar com o outro, assim, invadindo o mundo de quem vai me ler, entendendo que somos trânsito, transitáveis.

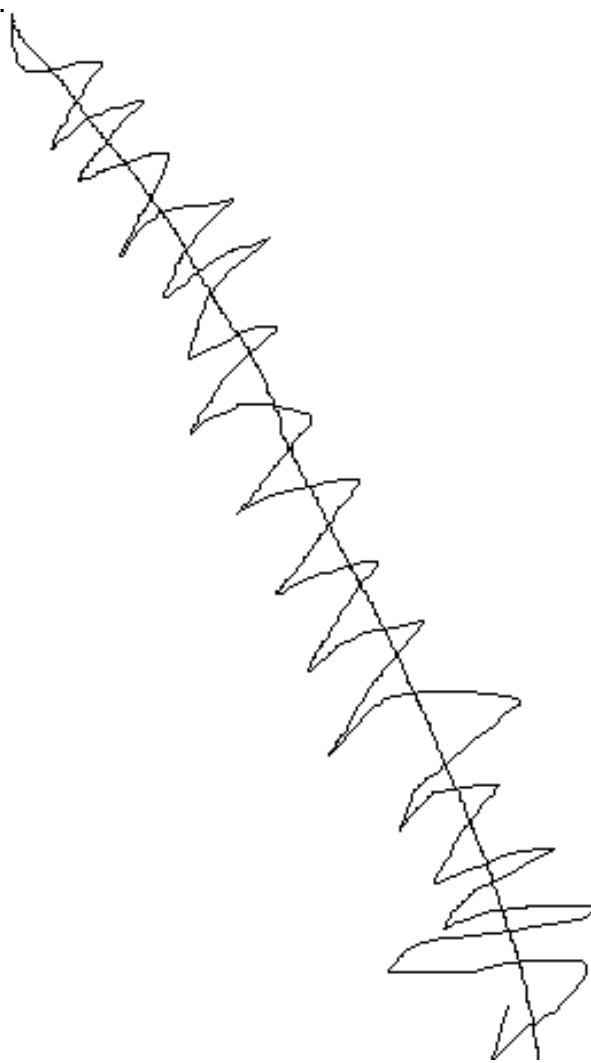
Trazer a performance (arte), bem como minhas memórias, histórias. Esse encontro me permiti a refletir sobre a ação artística e descobrir uma compreensão, **EU/OUTRO/NÓS/MUNDO**. Partindo do “eu”, é no “lugar” íntimo de me conhecer e me revelar, que vou mediando relações, pois os atravessamentos das minhas histórias, memórias surgiram como diálogo para minha vida artística, assim, a memória vem como recriação do vivido, perfazendo o vivo, eu: ontem, aqui e agora. Acreditando, assim, que uma dimensão poética e política pode ser descoberta para a construção de um nós. Pois, quantas histórias contamos, quando contamos a nossa?

Existir sem contenção, é esse sentir/pensar que me faz performativa, em corpo e em escrita,

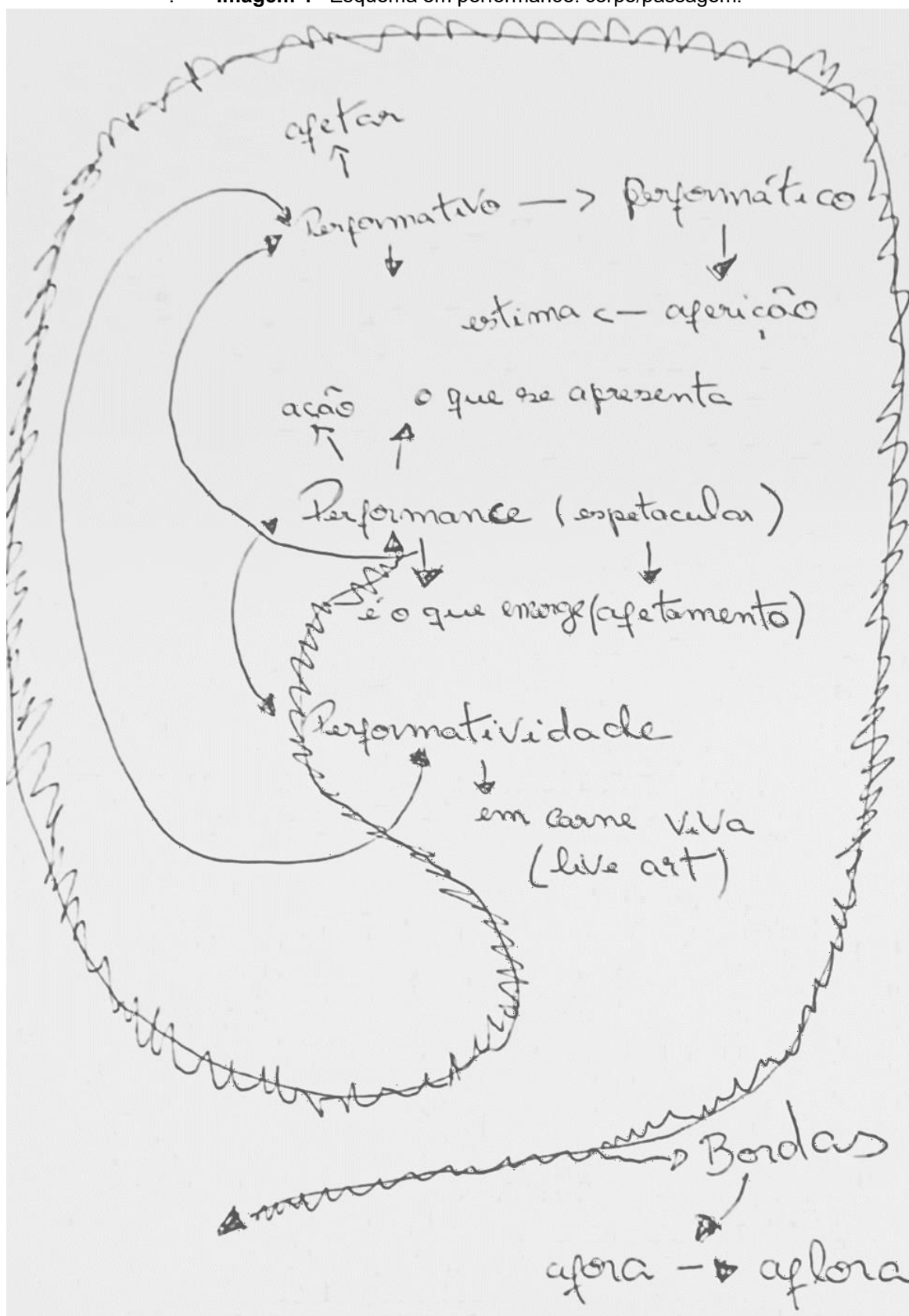
O poder implícito do performativo está precisamente em sua habilidade para instituir um sentido prático para o corpo, não somente no sentido do que o corpo é, mas de como pode ou não pode negociar espaços e posições nos termos das coordenadas culturais dominantes [...] Neste sentido, o performativo é parte crucial não somente da formação do sujeito, mas também de contínuas contestações e reformulações de assuntos políticos. O performativo não é apenas uma prática ritual: é ritual influente para assuntos que se formulam e se reformulam (Butler, 1997, p. 160).

É o performativo de relação experimental, e que se perfaz, pulsando intenção de afetar e Ser afetado (relação dialógica), num performático desejo de aferição, estima, que meu nascer e viver me trazem as aflorações de hoje, assim, entendo. O corpo performativo, que aqui está e esteve, busca uma ressignificação (formula e se re-formula).

Ela é fluxo e intensidade, procura nas capturas, entre o ontem e o hoje, refletir sobre as relações (**EU/OUTRO/NÓS**), construir saberes, trocar experiências, assim, sendo, encontro performático (**EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA**), de afeto, no ensejo dos seus desejos em performatividade, “a performatividade significa não só um modo de se apresentar no mundo, mas a própria constituição epistemológica de um tipo de mundo” (Setenta, 2009, p. 32). Pois, o corpo cria/faz a partir do que vive, assim, exprimo em devoção, eu *performer*, performance em mim. Para tanto, o corpo passagem, meu corpo passagem, percorre num esquema em performance, no qual é ação, é o que emerge, e me levou ao desenho que perdura pelas bordas, afora, aflorando. A imagem que segue, surgiu numa manhã de sábado, muito fluida. Quando escrevi, *movendo*, a performance em mim. Aflorou, então, o esquema, que procura ser saída e entrada, de uma esfera a outra, abrindo passagens para *performar*, e assim, Ser.



: **Imagem 4** - Esquema em performance: corpo/passagem.



Fonte: De autoria própria, 2024

A performance, ao meio, no espetacular, almeja de esfera a esfera, afetamento, mediando seus desvios pelas bordas, recebendo derivações, caminhos que circulam no performativo para afetar, por estima, aferição no performático, numa performatividade em carne viva, tudo se alinha, se encontra, se envolve, formando o desenho que nos cerca, quando performamos no mundo.

diz respeito aos pontos de referência no espaço: de acordo com o corpo e/ou de acordo com o espaço externo. Suas ferramentas de exploração consistem em: Kinesfera, níveis espaciais (alto, médio e baixo); tensões espaciais; progressões; formas; projeções; pelas diferentes dimensões (altura, largura e profundidade); pelos diferentes planos (frontal, horizontal e sagital); pelo volume; pelas direções; pelos movimentos gestuais e posturais (Tourinho, p. 55, 2004).

Nessa movimentação, meu corpo, é determinação pelo alcance projetado no espaço, é no meu espaço pessoal, kinesfera, que anseio chegar ao máximo do meu corpo, em arte, para abraçar o outro, Ser compartilhamento.

2.2 Patrícia: *Performer/Regente*

Entro, colocando-me, a *Performer/Regente*, que se fez, no Estágio Supervisionado II, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro, com as turmas do 8º e 9º anos, compreendendo o *performar*, como ter um corpo que dialoga com outro corpo, o aluno na escola, e nessa escrita, o leitor. Assim, Ser um corpo vivo que se relaciona com outro corpos vivos, re-vivendo-nos.

Foi na experimentação, entre eu (regente), os outros (alunos) e o espaço (sala de aula) que a performance se instalou no meu corpo com efeito. A presença, tão falada nessa escrita, que se exprime viva, vem de memórias, histórias da minha vida que continuam a ser registros nesse capítulo. Mas, abri esse inciso, para colocar que o Estágio foi o lugar que me percebi *performer*, e que esse período de estagiária, me levou a compreender que desde o meu nascer, a performatividade existia em minha vida, em meu percurso de existência. O corpo que se mexe, desloca-se, pausa, e que transitou entre os alunos, me levou a reflexões sobre corpo, derivando no sentir/pensar: meu corpo, o corpo do outro e o espaço.

Assim sendo, o espaço do corpo é um lugar contido num outro espaço maior, o *geral*, o qual comporta todos os corpos, e suas kinesferas. Entendemos aqui que a diferenciação entre estes dois tipos de espaço não é uma

afirmação de que os dois existem separadamente, e não se conectam, gerando uma segmentação espacial limitadora. O que ocorre é justamente o contrário (Bezerra, 2012, p. 59).

Atrelando-se as espacialidades, algo que ata os espaços, no encontro “entre” corpos com o mundo, assim, dialogam, assim coexistem.

E, reciprocamente, a existência pessoal nada seria se não dispusesse de nenhum meio de se efetuar, se não tivesse um solo sobre o qual se assentar. Daí porque Merleau-Ponty vai insistir que o corpo não é uma tradução, no exterior, de um estado interior, daí porque o corpo não se manifesta, fora, o que se passa na consciência ---o “interior” e o “exterior” se ligam aqui intimamente (Moutinho, 2004, p. 282).

Chegar no próprio relato de vida, teve como sustentação, o recíproco, a troca, a relação dialógica que existe no processo de Estágio, entre professora e alunos. Nesse sentido, o Estágio Supervisionado II, foi o caminho para recordar e sentir/pensar sobre atravessamentos. A *Performer* que se construiu lá, e que traz cá, procura reflexos. O Ser/estar em sala de aula, tornou-se caminho de autoconhecimento e reconhecimento, e assim, busca por desdobramentos do re-corpo. Nesse adorar, memórias e performance, “a noção de performance (quando os elementos se cristalizam em torno da lembrança de uma presença” (Zumthor, 2000, p. 31). São encontros na construção de um corpo *performer*, que se revelou no espaço escolar, entre alunos, no Estágio. Mas, o que seria um corpo *performer*?

Nesse momento, enfatizando memória, vem a lembrança da minha primeira testemunha, que assim, me enxergou como *performer*. Meu corpo, numa profundidade afetiva, que nenhuma palavra consegue expressar, um friozinho no coração, acerta, chego a minha mãe, ela é o argumento mais justo para me reconhecer como *performer*, e assim, deixar bailar no ar, o que é um corpo *performer*. Peço, por favor, a quem me ler, que agora, procure olhar para o céu, para as nuvens, e depois continue aqui comigo. Pois, nesse momento, meus dedos, teclam com ternura, diante da tela do computador. Os *pixels* das escritas, que aqui chegam, me levam ao *insight* sensível de me Ser, trazendo aqui eu/minhamãe, esse íntimo registro de amor, que agora em partilha, é impulso de memória, de sensações na relação eu/outro/nós. Um caminho mais performativo do que performático. Pois, para se chegar à escola, “[...] são as mães que, de modo geral, influenciam e administram as

trajetórias escolares dos filhos” (Lacerda, 2006, p. 361). Aliando-se a ela, minha mãe, resisto, na procura por transformar vidas em performances, em artes do corpo.

2.3 Minha mãe: caminho fenomenológico de minha história de vida

Contraindo meu corpo, indago-me: Como estar aqui, a partir da experiência vivida? Por mediação da fenomenologia, percebo que para encontrar o que eu procuro e acredito, nesse movimento de busca do re-corpo, Ser abertura, revelar-me, preencher-me nas lembranças, é caminho de um mundo de relações e de experiências de Ser. Dessa forma, abrir espaços para minha história de vida, é cruzamento para encontrar na escrita performativa, possibilidades de formas de perceber e criar/fazer arte pelo corpo.

Na intenção de partilha, encontro na fenomenologia de Merleau-Ponty, uma amistosa compreensão das experiências do mundo vivido. Nesse entorno, na tentativa poética de intimidade com a minha mãe, começo a dialogar numa atenta presença do sensível, no pensar a percepção, o fenômeno da vida, como fenômeno existencial, de experienciar, e assim, habitar e ocupar o próprio corpo em atrelamento com outros. Dando elo, ao abraça-se na presença particular para o todo.

Quando evoco um passado distante, eu reabro o tempo, me recoloco em um momento em que ele ainda comportava um horizonte de porvir hoje fechado, um horizonte de passado próximo hoje distante. Portanto, tudo me reenvia ao campo da presença como à experiência originária em que o tempo e suas dimensões aparecem *em pessoa*, sem distância interposta e em uma evidência última. É ali que vemos um porvir deslizar no presente e no passado” (Merleau-Ponty, 2006, p. 557).

Minha mãe nasceu no dia 13 de janeiro de 1955. Na infância, minha mãe amava tomar banho de chuva, brincar nas ruas, subir nas árvores. Já mais crescida em sua juventude, gostava de assistir novelas, ir ao cinema, brincar carnaval. Em se tratando, da vida de estudante, aluna, de escola pública, de educação formal, na infância a ida a escola era atravessada por uma imensa saudade de estar com sua mãe. A escola não era um lugar desejável. Nesse sentir saudade, chegou a desistir de ir à escola, no auge dos seus 10 anos. Sua mãe (minha avó), em memória, Dona Dezilda do Nascimento Costa, acolheu sua decisão. Porém, passando dois meses de ausência a sala de aula, percebeu que ficar sem estudar não era um caminho viável, pois aprender era algo importante para a vida.

Falando em vida, a minha mãe me conta que, desde bebê, eu movia muito no berço, me contorcia com o olhar fixo nos desenhos de bichinhos ao meu redor: “Você já dançava”, dizia minha mãe, lembrando também de quando tentei me equilibrar em cima de uma bola, e caí de cabeça no chão. Equilibrista! Não lembro de Ser. Eu que aqui, me atravesso *performer*, gosto de desvios. Isto é, de caminhos alternativos que possibilitem a criação de estratégias para me desvincular do convencional, do padronizado, do estabelecido, e estar certa ou errada.

Ela, sou eu, um corpo experimentando-se de movimentos, imagens, palavras, sensações, gestos entre outras possibilidades. Sendo, oscilante, mutante, inconstante. Porém, dentro de um molde segregador de atos institucionalizados que nos privam de sermos integralmente.

Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância ;sob a superfície das imagens , investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, se processa o treinamento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos de comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos (Foucault, 2004a, p. 178-179).

Minha mãe resgata também, porém com certa indignação, o vestido que ela mesma costurou para que eu dançasse na festa junina da escola. Neste dia, eu não quis dançar. A fotografia é o registro palpável que traz eu, com os olhos chorosos e o vestido. Até hoje, ela se pergunta: Por que você não dançou? Nem ela, nem eu, sabemos. Entretanto, o pulsar dessa escrita performativa, que busca desígnios do re-corpo, re-significado na escola, tem nessa indagação, justificativa ou política poética de Ser (na escola).

Imagem 5 - Vestida por minha mãe.



Der



Calça 2
Kronio membros



Imagem 6- Perceber.

3 CAPÍTULO II - EM MIM: HÁ PERCEPÇÃO, O PERCEBIDO NA EDUCAÇÃO

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Onde estou, eu preciso Ser! Faço, assim, dessa oração exclamativa, fissura desse capítulo II, com as pontas dos meus dedos tecendo/movendo essas linhas com intensidade. Por uma questão existencial, procuro compreender **EU/OUTRO/NÓS** no **MUNDO/ESCOLA**, assim, distante de aspectos fragmentários e maquinais, que reduz no mundo, a sensibilidade do Ser.

O corpo, por sua vez, é concebido como corpo material, corpo físico ou organismo. Ao ser focalizada apenas a sua materialidade, o corpo é visto como a dimensão que é limitada pela epiderme, constituída por um conjunto de órgãos e que apresenta um determinado funcionamento. Essa concepção é apresentada já nos primeiros anos escolares, isto é, que o corpo humano é constituído por: cabeça, tronco e membros. Posteriormente, mostra-se mais detalhadamente a descrição da anatomia de cada parte do corpo humano e o funcionamento dos diversos sistemas (...) Essa visão do corpo, que corresponde aos estudos oriundos das ciências naturais, é também a maneira como ele é definido mais habitualmente por todos nós (Cardinalli, 2003, p. 249-250).

Entender o corpo como existência, como presença, fez-me encontrar na fenomenologia de Merleau-Ponty, possibilidades de busca do re-corpo, assim, relação dialógica, onde meu próprio olhar, por essa reflexão, não é somente meu, está atrelado a outros que estão articulando comigo essa escrita, pois a *performer* aqui, existente, dança com outros.

O Ser/corpo na escola, na educação formal, relembro (como aluna), vivo (como *Performer/Regente*) e, assim, sinto/penso: É preciso insistir na procura da presença, na procura por mudanças, nas possibilidades de movências, encontros, diálogos, pois, aqui, manifesto mais uma vez, o começo ininterrupto dessa performance escrita, algo já dito na introdução e que nesse momento se repete com o corpo ardente e aflito ao mesmo tempo, nessa justificativa que busca força política/afetiva de Ser. Pois, almejo a minha vontade de transformar os modos de ver e sentir/pensar o corpo no ambiente escolar, o **MUNDO/ESCOLA**.

No “entre” arte e vida, no ensina/aprende na escola, o corpo carece de ver-se, “o olho não domesticado” (Mclaren, 1992, p. 217). Percebido como pertencimento. “Meu corpo é a materialidade daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo” (Zumthor, 2000, p. 23). Eu, então, acreditando que a performance (arte) na educação, enfatizando aqui, a educação formal, pode ampliar formas de existir como corpo e atuar como ação transformadora na escola. Em mim, na performance: há percepção, o percebido na educação, e nela, arte viva,

cria-se/faz-se da escola, da sala de aula, lugar de transformação, de refazer-me, de refazer-nos, “nas performances existe esse vivo dentro, pulsando, respirando” (Ciotti, 2014, p. 28). Nessa motivação instauro, *As Artes em meu Corpo: Performances em Busca do Re-Corpo na Escola*.

3.1 Volta mãe: me diz que sou *Performer*

Nas minhas lembranças dos tempos de escola até hoje, sinto o cheiro da minha lancheira que continha uma garrafa térmica com suco de laranja e um pedaço de bolo, ou pão com queijo, dentre outras delícias. Sempre estudei em escola privada, de educação formal. Acordar cedo, escovar os dentes, tomar banho, beber minha vitamina de banana, era o ritual diário dos dias escolares, meu ritual-performático.

Quando minha mãe me deixava na escola, sentia muita falta dela, queria ela por perto, assim, como na infância dela, sentia falta da sua mãe, minha avó. Mas, na escola, tinha um balanço no jardim, na infância, que me acalentava e quando crescida, na adolescência, uma cantina, pois a lancheira, já não se adequava mais. O que me lembro com saudades, dos tempos de escola, são os momentos fora da sala de aula, pois dentro dela, minhas recordações ressaltam o adentrar, sentar, ficar quieta, escrever, prestar atenção, assim, querer minha mãe.

Nesse momento, acabei de lembrar do dia que na saída da escola, eu tinha uns 12 anos, minha mãe chegou sorrindo com as mãos para trás, com algo para mim, eram papéis de carta, eu amava colecionar e escrever as “minhas poesias” nesses papéis, também me atrevia a escrever músicas. Porém, essas escritas, ficavam numa caixa, no meu quarto, em meu guarda roupas. Minha mãe sabia que eu não gostava de ir à escola, acredito que essas ações eram formas de me levar a escrever, assim, aprender, e assim, me ousar a dizer: *performar*.

Na escola, minha mãe, procurava sempre me colocar em atividades extra classe, aquelas fora da sala de aula. Nas peças teatrais da escola, lembro de ter interpretado Maria, a mãe de Jesus, onde o professor que era de educação religiosa, dirigia a peça. Nos desfiles escolares para abertura dos jogos, também estava, eu, lá. Disso, me lembro, de um dos desfiles que um fotógrafo, registrou uma imagem minha no evento de abertura dos jogos e levou para a escola. Minha mãe indagou: eu não pedi para tirar foto dela, pedi? Naquele tempo, fotografia era um luxo, algo custoso. Mas, minha mãe comprou a foto, e disse para mim: não tinha como não comprar a

foto, o fotógrafo disse que não se conteve ao ver tamanha leveza no andar, além da expressão encantadora do seu rosto.

Imagem 7 - Desfile de Abertura dos Jogos Escolares



.Fonte Arquivo pessoal, 1985

Minha mãe sempre se orgulhava de mim, não com minhas notas, mas com meu lado artístico. Ela sempre dizia, e continua a dizer: minha filha é uma artista. Então, desfile de jogos, peças teatrais, apresentações juninas (quadrilhas), tudo que a escola oferecia fora da sala de aula, estava eu marcando presença. Nesse momento, insiro, meu sentir/pensar, que a percepção, a fenomenologia, é um retorno, um fluxo afetivo, do **EU/OUTRO**, sendo eu e minha mãe um espaço para performance e memória.

Atenta, as lembranças das histórias, compreendo que essa relação desencadeia ações, que partem do íntimo para muitas esferas, aquelas “esferas do movimento” ditas por Laban (1990), as quais precisamos ultrapassar as bordas. Nessa perspectiva defendendo que o *performer* nunca está só, e que o performativo (afetar e ser afetado), aqui escrito, é um estado de trânsito, onde a performance provoca reformulações. Assim, hoje sinto/penso: já não seriam minhas notas baixas, minha ação performativa?

3.2 Nas Ínfimas Percepções dos Tempos da Escola

Rememorar-me, me remonta, me desmonta, me provoca, me traz aberturas para perceber e procurar criar/fazer arte pelo corpo, re-significando. “É com olhos de artista que estou vendo a educação aqui” (Ciotti, 2014, p. 7). Nessa travessia, perfazendo, os tempos de escola, me vejo, oras “liberta” e oras frustrada, reduzida, não na pequenez poética da existência, mas do não caber. Lembro-me dos momentos que o professor apontava com o dedo para que o aluno respondesse a sua pergunta, me retraia na carteira escolar para ele não me ver, não me escolher, para tal rebate. Aquele dedo era como uma varinha mágica de um bruxo malvado, pois se não acertasse a resposta, seria eu, a dispersa, a “voadora” da sala de aula, a não inteligente, ignorante. Da escola, também recordo o tempo que não passava para chegar a hora do recreio, onde se podia conversar, brincar, “*mover*”, rir alto, degustar o lanche gostoso feito pela minha mãe.

A escola era como meu berço, aquele espaço estreito, onde de alguma forma eu procurava existir. Adaptar-me, àquele lugar, ao esquema da sala de aula, era bastante arrepiante, chego a sentir os pelos elevando-se na pele. Pois,

o professor quer que os alunos prestem atenção ao corpo parado, o professor exige para o entendimento do corpo no desenho exposto, que as pessoas tenham a mesma atitude do desenho, paralise-se numa pose gráfica, escutem palavras lineares. [...] O corpo, verdade total é separado em suas partes. A vida não é. a vida dá lugar às funções. Você não existe. Você é um corpo que funciona. Tática antiga, dividir para dominar. Cada parte do corpo assume a função do todo. A pessoa é composta de aparelhos, sistemas. Blocos fechados. [...] O corpo é visto a partir da produtividade. Corpo-máquina (Almeida, 1985, p. 146-147).

Habituar-se ao sistema disciplinar, onde “normalidade” e normatização se comungam, onde é aceito e praticado pelos que fazem parte da Instituição Escolar, num docilizar em que os corpos são coagidos em uma constante utilização do fazer o que é proposto, e não do que é propósito de Ser. Nesse galgar, percebo que Ser corpo, Ser *performer*, é burlar estratégias imobilizantes, em que a educação formal, busca á docilidade, em uma tangente de interdição dos corpos.

[...] as administrações autoritárias, algumas até dizendo-se avançadas, procuram, por diferentes caminhos, introjetar no corpo das gentes o medo à liberdade. Quando se consegue isso, a professora guarda dentro de si, hospedada em seu corpo, a sombra do dominador, a ideologia autoritária da administração. Não está apenas com seus alunos porque entre ela e eles, vivo e forte, punitivo e ameaçador, o arbítrio que nela habita. Esta é a forma menos cara de controlar e, em certo sentido, a mais perversa. Mas há outra,

a que se serve da tecnologia. De seu gabinete, a diretora pode controlar ouvindo ou vendo e ouvindo o que dizem e o que fazem as professoras na intimidade de seu mundo. As professoras sabem que o diretor não pode controlar vinte, cinquenta, duzentos professores ao mesmo tempo, mas não sabem quando lhes cabe a vez de sê-la. Daí a necessária inibição. As professoras, em tal situação, viram, para usar expressão ao gosto da professora Ana Maria Freire, “corpos interditados”, proibidos de ser (Freire, 2001b, p. 16-17).

Quem sabe os momentos fora da sala de aula, ainda que por poucas horas, eram os lugares de escoamento, eram onde eu podia me colocar, em momento fugaz único, oras “liberta”. Nos momentos extra classe, me agitava, chacoalhava, saltava, tocava, comprimia e expandia meu corpo. Desfilas na abertura dos jogos internos da escola (Olimpíadas Escolares), participar das quadrilhas juninas, das mostras culturais, peças teatrais eram espaços que eu sempre procurava Ser. Pois, nesses momentos, meu corpo escapava, mesmo que um pouco, da imobilidade, do silêncio, do isolamento. Tentativas de romper, de transgredir, a imposição dos gestos repetitivos do domínio escolar.

Assim vejo, percebo, hoje, em memórias, o modelo mecanicista do corpo na escola, e a necessidade de Ser re-corpo, re-significado. Tenho a ousadia de dizer, nessas palavras performáticas, o que atinge e provoca as extremidades do meu eu/corpo. Diante do computador, reverbero lembranças, providas do diálogo com o outro, nesse acesso, com a minha mãe. Sendo assim, **EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA** até o momento em recordações transcritas, em minhas percepções. Mas, que procuram pulsar, numa articulação escrita/performance, um sinuoso *mover* e perceber a acuidade de possibilidades de transformar, mudar, re-formular as formas de ensino/aprendizagem na escola.

Nesse sentir/pensar, o corpo se motiva tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro em consonância com o mundo. Aqui, permeando um atrelar fenomenologia e performance, onde o corpo é percebido como entranhado no mundo.

E preciso que nos habituemos a pensar que todo visível é moldado no sensível, todo ser tátil está votado de alguma maneira a visibilidade, havendo, assim, imbricação e cruzamento, não apenas entre o que é tocado e quem toca, mas também entre o tangível e o visível que está nele incrustado, do mesmo modo que, inversamente, este não é uma visibilidade nula, não é sem uma existência visual. Já que o mesmo corpo vê e toca, o visível e o tangível pertencem ao mesmo mundo (Merleau-Ponty, 2000, p. 131).

Numa relação **MUNDO/ESCOLA**, habitada numa percepção de entendimento de re-corpo, re-significado, isto é, distante do entendimento do corpo como conjunto de órgãos, material, somente físico, corpo-objeto. O corpo aqui presente é “escrever”, é “*performar*”, é corpo nas suas impulsões vitais, assim, órgãos e emoções, matéria e vida, físico e carnal, procurando distanciamento de um corpo em produção de somente fazer, que ainda abrange professores, alunos e todos os que fazem parte da escola, num fazer docilizado, reprimido e instrumentalizado. O corpo chega aqui, nessa escrita que *performa*, como corpo que articula transgredir espaços. Num pensar que, segundo Freire: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (1987, p. 79). Assim sendo corpos inteiros e entrelaçados, numa interação do Ser corpo (**EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA**), em um diálogo de busca e compreensão do re-significado a corporeidade.

O corpo/escola é defendido como presença no mundo. As linhas que seguem nessa busca, neste momento de escrita porosa, pois a minha pele aqui reveste-se de suor de estar 4h sentada em frente a tela do computador, procura contrariar a produção do fazer mecanicista, em detrimento a produção poética do Ser, pois estou a suar sentidos, de abrir passagens para, as essências, de cuidado ao Ser no mundo. A fenomenologia que encontro, que abraço, como método (caminho),

é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, consistem em definir as essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que coloca as essências na existência e não pensa que se pode compreender o homem e o mundo de um outro modo que não na sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que suspende, para as compreender, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo está sempre “já aí”, antes da reflexão, como uma presença inalienável e, portanto, todo o esforço consiste em reencontrar este contacto ingênuo com o mundo, para lhe dar finalmente um estatuto filosófico (Merleau-Ponty, 2006, p. 1).

Quando alinho fenomenologia e performance, este mundo “já aí”, ao qual pertença e observo, assim, sinto/penso e percebo, me estimula a descobertas e que está potencialmente emendado na experimentação, na presença, no diálogo e na performance “[...] inserida entre uma coisa e outra, um meio que não se deixa aprisionar com facilidade em contornos exatos” (Rossini, 2005, p. 56-57).

A Educação necessita reconstruir seus sentidos. Os muros, as grades, as paredes já não comportam as permanentes pesquisas que vem ao longo dos anos, rompendo o modelo reducionista do corpo na escola.

Abraço-me, neste momento, a poética de existir junto a outros, com minha orientadora, a professora Doutora Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura, ao educador e filósofo Paulo Freire, ao filósofo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty, entre outros, para poetizar politicamente que não dá mais para viver, sem existir! Pois, “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo ele é inesgotável” (Merleau-Ponty, 2006, p.14). Envolver corpos e movências no ambiente escolar, é existencial e, sendo assim, significante de sentidos para a construção e desconstrução do mundo.

3.3 Educação Formal: Adote a Performance e a deixe transgredir com a Fenomenologia do Existir

No movimento do encontro, performance e fenomenologia, arte e vida, me preencho, em um *mover*: aprender e ensinar e ensinar e aprender, ao qual, como artista docente/discente, *Performer*/Regente e aluna, o conhecer e reconhecer o outro nesse mundo, tão imenso e inesgotável é acolher saberes, e assim, afetos. Com os olhos entreabertos, pauso, e continuo sentindo/pensando, como *performer*, nessa escrita, chegando aguçadamente, como curiosa, pois olhar “diz da perplexidade do investigador diante do mundo, a qual se manifesta inclusive como força que o mantém alerta buscando, inquirindo, não se conformando com respostas quaisquer” (Bicudo, 2011, p. 24). Assim, confiando e reverberando no mundo, que

quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (Freire, 2014, p. 26).

As escritas que reverberam meu mundo, meu mundo/corpo “não é uma chegada, é a possibilidade de uma partida” (Morin, 2003, p. 24). Ser nessa escrita, é um convite ao outro para juntos sermos no mundo, de mãos dadas como diz Freire (2014). A fenomenologia, nesse momento, reivindica atenção, o olho atento ao nosso

entrelaçamento no mundo, pois se aprendemos, aprendemos com alguém. Isso faz para/no mundo, uma ação recíproca, de trocas, compartilhamento, sentidos e significados, e isso requer “decência e seriedade”, um respeito mútuo. Assim, unidos, num sensível existir, a “boniteza da vida”, da relação de ensinar e aprender e aprender e ensinar aufere viver um nós. Um sentido no mundo que potencializa e sensibiliza um aprender com outros, para aprender-se.

Na presença, junto a outros, as experiências se espalham, é como um ver-se no espelho, assim imagino e invento, meu olho, então, brilha (pensando na beleza falada por Freire), e assim, me desperto que “a experiência do outro é sempre a de uma réplica de mim, de uma réplica minha [...]”. É no mais íntimo de mim que se produz a estranha articulação com o outro; o mistério de um outro não é senão o mistério de mim mesmo “(Merleau-Ponty, 2007, p. 221).

Meu corpo, exprime: olhar comungante “entre” nós. É sentindo/pensando esse nós, que na educação formal adentro querendo, almejando transformações, re-corpo, re-significação. A educação formal precisa permitir o ensinar-aprender através das experiências do corpo em sua totalidade. Buscar mudanças são possibilidades inventivas, num criar/fazer, para romper modelos que não enxergam o entrelaçamento entre corpo e aprendizagem. Resistir ao poder instituído é algo intrínseco, pois estamos sob o comando das autoridades que falam e condicionam, que

A oferta de educação formal se dá em instituições públicas ou privadas, como escolas, centro de formação técnica e universidades, avançando da educação básica ao Ensino Superior, gerando formação escolar e profissional (FONTES em educação; COMPED, 2001). A educação formal é representada pelas escolas e universidades, tendo objetivos claros e específicos, além de ser marcada por aspectos como formalidade, regularidade e sequencialidade, obedecendo a um “programa sistemático e planejado, que ocorre durante um período contínuo e predeterminado de tempo e segue normas e diretrizes determinadas pelo governo federal” (FONTES em educação; COMPED, 2001)⁷⁷. Em suma, segundo Gadotti (2005, p. 2), ela está condicionada “a uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do ministério da educação (Boaventura, 2021, p. 73-74).

A educação formal se comporta como sistemática, assim, segue um direcionamento centrado em legislações, currículo, estruturas, monitoradas por fiscalizadores, sendo marcada por formalidades. No entanto, mesmo sendo modelada por regularidades, no “lugar” da educação formal, a escola, se constrói fazeres que ultrapassam, dentro de uma sistemática, as formas de atuar no ensino-aprendizagem,

as quais as condições burocráticas (formalidade, regularidade e sequencialidade) não dão conta. “Isso implica no entendimento de que a educação não é neutra, de que é política e é impregnada de sentidos e valores” (Boaventura, 2021, p. 119). É inaceitável uma escola na neutralidade. E porque, com ousadia, chego aqui dizendo isso?

Porque lá, na escola, encontramos vidas, e aí está a essência fenomenal. São vidas autônomas, políticas, ativas, vivas, que na fertilidade da vida vivem suas histórias, memórias, experiências. Assim, entendo “[...] para aprender, para ensinar, para aprender – e – ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (Brandão, 1981, p. 3). Observo, assim, que o modelo educacional que age para gerar passividade e obediência e desfazer o Ser, não o desfaz. E por que não consegue tamanha trama? Porque somos corpo, e os direcionamentos autoritários, não conseguem engajar e mobilizar o corpo por completo, “[...] o corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprio a um organismo” (Foucault, 2004a, p. 141). Assim, uma dicotomia entre a autoridade que propõe a prática de ensinar e aprender, que se perpassa na escola, se contrapõe, junto, a um resistir, resvalado nas sutilezas, num fazer instituído para um fazer existente de vidas. Pois, na ação padronizada do ensino-aprendizagem, que solicita o mesmo aprendizado, existem aprendizados, a dança da vida de cada Ser.

Desdobrando à educação formal, a partir da intervenção do diálogo, da experimentação, da presença podemos confrontar com as estruturas condicionantes, quem cercam o Ser no mundo, pois burocracia e educação possuem entraves que não combinam, quando se trata do corpo em sua performance e fenomenologia. O corpo na burocracia,

é a forma mais racional de exercício de dominação, porque nela se alcança tecnicamente o máximo de rendimento em virtude de precisão, continuidade, disciplina, rigor e confiabilidade, intensidade e extensibilidade dos serviços, e aplicabilidade formalmente universal a todas espécies de tarefas [...] Toda nossa vida cotidiana está encaixada nesse quadro (...) (Weber, 1999, p. 145).

Porém, é certo que romper os paradigmas da educação formal, mesmo buscando transformações no ensinar-aprender, é algo muito abstruso, mas acredito que, em encontro, somos atravessamentos. “Ninguém liberta ninguém, e ninguém se

liberta sozinho. A libertação se dá em comunhão, ou se preferir, no encontro” (Freire, 2011, p. 29).

Num olhar sob o aspecto da performance, busco na relação performance e educação, transgredir padrões, modelos que delimitam nossos corpos, que buscam padronizar os saberes. Para mim, *performar*, na educação formal, é Ser corpo, gestos, palavras, sensações e tudo que possa gestar sentidos a nossa existência, numa poética que não traz um sentido acabado, mas convida o outro a estar sendo, a estar junto.

Recorrer pela adoção da performance na educação formal é “[...] ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro [...], para se colocar a si mesmo sob o olhar do outro [...]” (Foucault, 1977, p. 150-7). É a minha ação performativa, mais política e poética no movimento pela educação. É para mim, transformar a sala de aula em arte (performance), pois não vejo, salas de aula vazias se existimos (fenomenologia) lá dentro. Assim, confio.

Imagem 8 – Entre nuvens e gente.

4 CAPÍTULO III - EU/PERFORMER: POÉTICA DE EXISTIR JUNTO A OUTROS



Fonte; Arquivo pessoal, 2023

Imagem 9 – No birô do professor.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Ponho-me ao birô, a mesa do professor, assim, deitada, assim, deporta, na procura por caminhos, possibilidades para a educação, ensinar-aprender, transpassar o sistema formal. Um sentir/pensar pedagógico que *se move*, nas feições afetivas, dialogáveis, de troca, partilha. Estou entregue! A materialidade do corpo e vida, numa junção circundante onde respeita-se “os ventos” da mudança. Meus pés dão para a porta que está aberta, da porta vê-se as nuvens do céu, transformando-se. Assim, o que sai de um “lugar”, dá início a outro processo, outro “olhar”. Desafios me atravessam, possibilidades me atravessam, criações me atravessam, permeando a presença. “Nesse sentido, não é falso dizer que a performance existe fora da duração. Ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor clareza. Ela as faz “passar ao ato”, fora de toda consideração pelo tempo” (Zumthor, 2000, p.50). Assim, naquele espaço, a sala de aula da Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro, na realização do Estágio Supervisionado II, com as turmas do 8º e 9º anos (anos finais), invoco o *performar*.

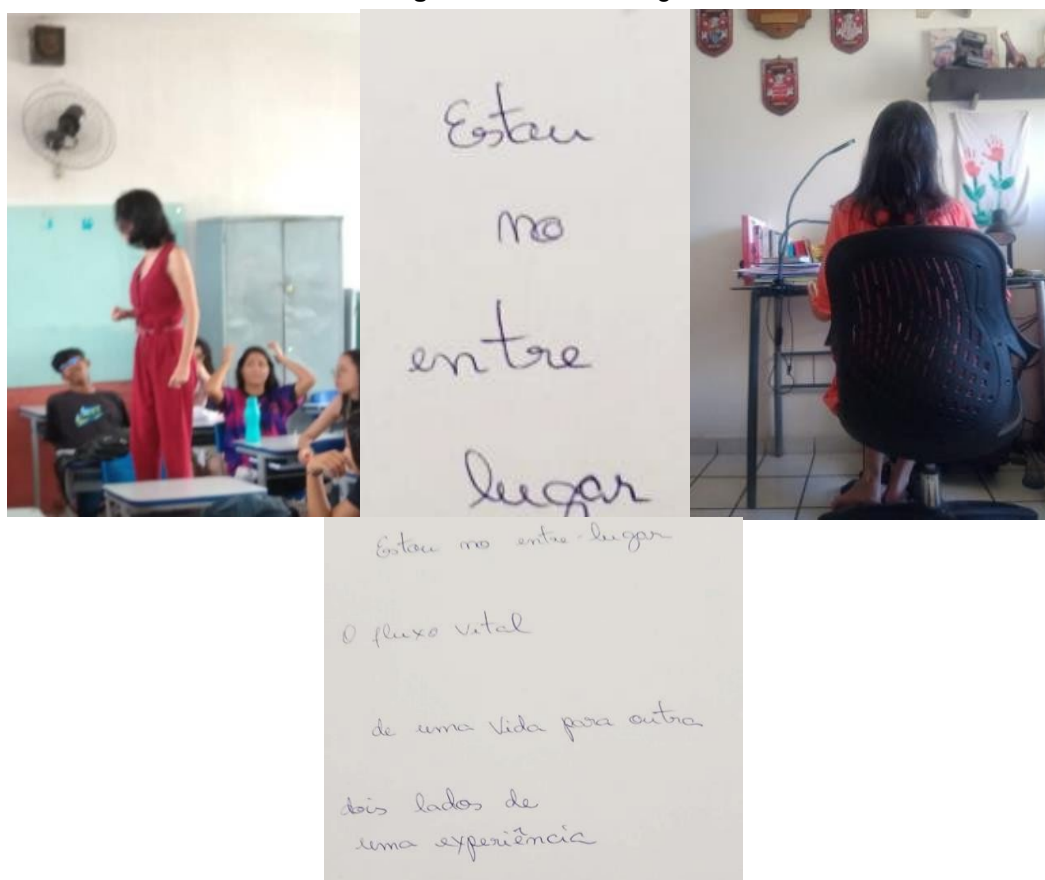
Essa disposição, de deitar-me, refere-se, aqui, a um ânimo, remontando, na disponibilidade de atentar ao encontro comigo e com o outro, o sentido vivido. É na observação que me coloco, pois o que a imagem me traz, e me aparece, agora, é um existir noutra existir, falando fenomenologicamente e performativamente.

O que era lá, em presença, fica lá, em respeito ao momento vivido, ao que estava em carne viva, no ao vivo, naquele dia, naquele tempo. Pois, “a única vida da

performance se dá no presente” (Phelan, 1997, p. 171). O reaver, é uma dilatação, uma reversibilidade sensível, do **MUNDO/ESCOLA** em mim e de mim no **MUNDO/ESCOLA**. Assim, não se pressupõe a presença que existiu naquela sala de aula, mas o que me aparece no depois, que me eleva os pelos da pele do meu corpo agora. O corpo em escrita, compõe-se em memórias, em histórias, no experienciado que articulo para outras experiências.

Um sentir/pensar o *performar*, a presença, a percepção comigo mesma e para/com o outro. Aqui me faço contempladora do feito, do realizado, com a distância do que a performance já impôs, no Estágio Supervisionado II. O sentido vivido na realização, na sala de aula da escola, transporta para arte da performance, em sentido escrito, assim, meu corpo, cria-se/faz-se, performances, que presentificam-se na sala de aula da Escola Darcy Ribeiro e no computador da minha casa e reposicionam-se na *Performer/Regente*, de lá, e na *Performer/Escritora*, de cá. Uma soltura de tempo e espaço, presente na relação lá e cá, que busca o re-significado do corpo na escola.

Imagem 10 - No entre-lugar.



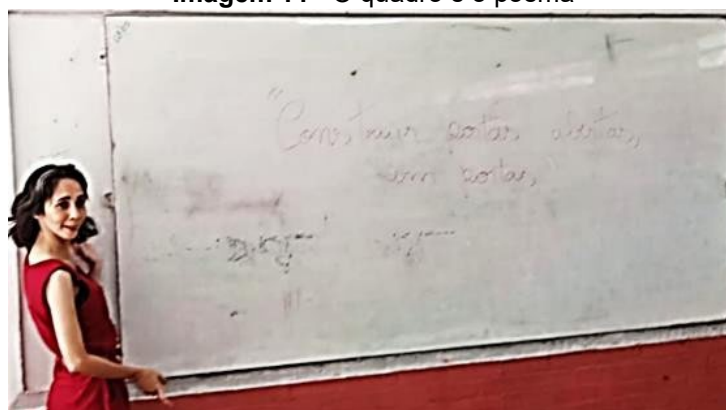
Fonte: Arquivo pessoal, 2023-2024

Faço-me, agora, travessia, dialogando-me, provocando-me no entre-lugar de abertura espacial, temporal, de memórias, histórias, sentidos e significados. O lugar das performances, o entre-lugar é “[...] compreendido aqui como uma indefinição, um espaço aberto às significações entre espaços definidos, espaços estes que seriam os agentes catalisadores, motivadores dessas ações [...]” (Guatelli, 2012, p. 33). É um olhar simultâneo, não passa pela divisão, é um trânsito. É uma vida a outra, pois não sou mais a mesma pessoa daquele tempo, tempo de estágio. Percebendo, que as experiências nos transformam, tempo de escrita.

Assim sendo, nesse momento, transitável, me observo, me investigo, e através das memórias, *movimento* essa escrita. Pois, minha intenção diante das lembranças do Estágio Supervisionado II, é trazer uma performativa escrita presente. Pulso do Capítulo III, seguir a vida, habitar e ocupar o presente e criar/fazer aberturas para outras possibilidades de existir, na construção da escola, no aqui e agora, e no futuro, adiante.

4.1 “Construir portas abertas, em portas...”: *Performar* de novo

Imagem 11 - O quadro e o poema



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

João Cabral de Melo Neto, em *Fábula de um Arquiteto* (1997, p. 15), foi e é, trânsito para aberturas, de reflexões sobre construir caminhos, possibilidades de resignificação. Aproveitar-me de um poema, é para mim, um criar/fazer percursos que permitem questionamentos, sem a realização de determinados fins, deixando fluir sentidos e significados: “De abrir; ou como construir o aberto; Construir, não como olhar e prender [...]” (Melo Neto, 1997, p. 15).

O que se busca, no aqui e agora, é revelar, por memórias, as percepções frescas, as artes em meu corpo, na atuação em sala de aula, na Escola Darcy Ribeiro. Assim, o corpo sendo todo, onde partes se ligam, onde transpassa os espaços: corpo e mundo, reconhecer o corpo em sua totalidade, num resgate ao sensível, aceitando-se como corpo, sendo, assim, uma resposta a dicotomia transpassada e tão instigada no mundo que separa, que desuni, que limita. Buscando o entrelaçado, conectado, contido. E nessa travessia, me coloco entre *performar* e escrever, aqui pensando aberturas, e não limites.

Adotar a performance, é para mim: meio afetivo, meio político, num propósito de unir corpo e vida, atentado as possibilidades de existência na educação formal. O *mover*, em performance, é um instante, naqueles dias e ano, de Estágio Supervisionado II, depois dele, esse TCC é chegada ao adiante, onde confio que outros corpos virão, em performances, sempre e sempre. Isso pra mim é re-corpo, é re-significado, meu corpo são vários em uma integração existencial, sempre re-fazendo-se. Pois, “[...] o fenômeno de meu corpo deve ser distinguido das puras significações lógicas” (Merleau-Ponty, 1975, p. 246). E que assim seja, ininterruptamente em um retorno constante, que se formula e se re-formula. Com isso quero dizer, a quem me ler, que meu corpo continua se multiplicando, multifacetado, em suas muitas possibilidades e potencialidades, escrever performativamente, é meu atrevimento corpóreo de mediação entre: eu e você (leitor), eu e a escola.

4.2 Sentindo/pensando performances em ante-salas

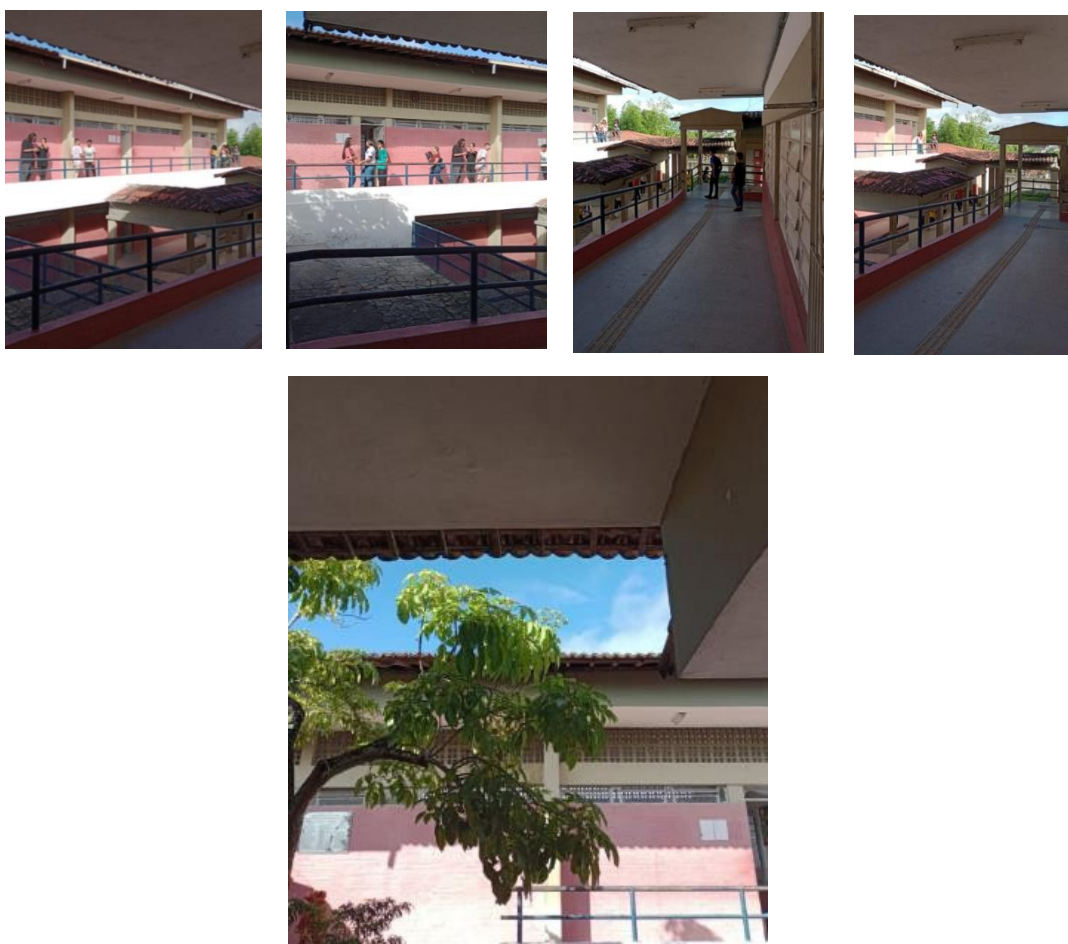
Estou nesse momento passando as páginas do meu caderno de anotações do Estágio Supervisionado II, nele encontro um corpo em obra, procurando, buscando maneiras de chegar no espaço da escola, das salas de aula da Escola Darcy Ribeiro. Nele está contido, todo um alinhavo de intenções, formas, possibilidades de ver o corpo/escola em possibilidades de dança, movimento.

Lembro-me, neste momento, de acesso, da minha chegada na escola, em mais um período de Estágio, pois também estagiei lá, no Estágio Supervisionado I. Procurei sentir o vento, olhar para céu, avivo dizer que o pôr do sol de lá é lindo! Pisei firme no chão da escola, um chão entre espaços de terra e piso plano na cor de concreto. Uma escola ampla, com árvores verdes e frondosas, uma biblioteca cheirosa e cheia de livros, janelas (muitas quebradas), paredes entre a cor branca

(com riscos, escritas, desenhos em várias cores) e os tijolinhos vermelhos, na cantina o cheiro do lanche e as mesas e cadeiras a frente para sentar, lanche e conversar, os gritos e a bola no ginásio, a sala dos professores e os painéis com frases motivacionais e os corredores com seus desvios, corrimões e vista para o céu.

Os corredores me chamavam atenção, era o lugar antes das salas, onde sentia o vento balançar meus cabelos. O lugar que vi alunos e todos os que fazem a escola aparecer e desaparecer, “o visível está prenhe de invisibilidade” (Merleau-Ponty, 2006, p. 200). Diante do soar do toque do alarme para adentrar as salas.

Imagem 12 - Os corredores e seus ventos em nuvens.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

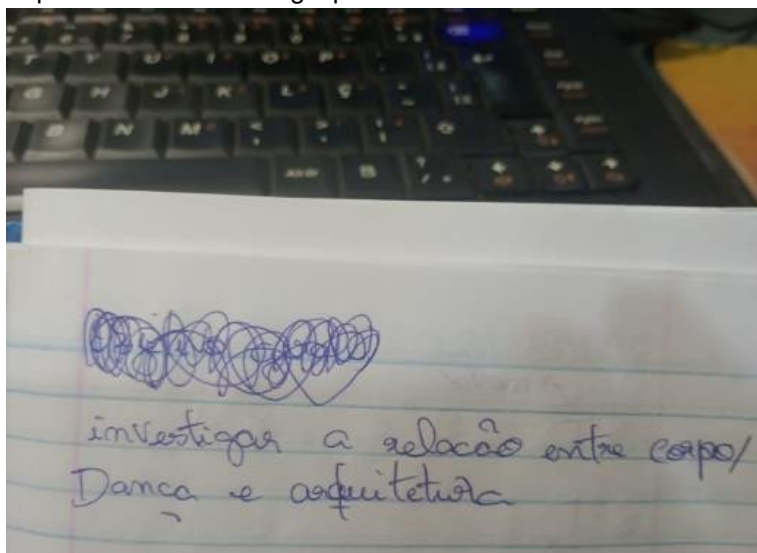
Uma percepção além do que percebo, do que vejo, espaço de passagem. Assim, como nesse momento, uma página do meu caderno desaparece quando folheio a outra, “uma ausência que conta no mundo (ele está por ‘detrás’ do visível, visibilidade iminente ou eminente [...]), onde a lacuna que marca o seu lugar é um dos

pontos de passagem do ‘mundo’” (Merleau-Ponty, 2006, p. 209). Nesse atravessamento, coloco-me aqui, como dois lados de uma experiência.

Imagem 13 - Em performance: do Estágio para a escrita.

tempo de escrita

tempo de estágio



. Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Minhas mãos teclam, diante das memórias, uma presença, sendo vestígios de uma ausência, pois o lembrar proporciona saudades, trazendo em meu corpo uma experiência tocada nas lembranças que abre possibilidades para outras experiências. O que me toca, diante das experiências, agora, me atravessa e me modifica em escrita, que *performa*.

Nas construções das memórias e em suas re-construções, encontro processo, no fluxo da vida. “O processo sempre foi mais importante que o resultado, a performance mais importante que o objeto” (Abramovic, 2016, p. 29). Assim, entendo, e nessa compreensão, creio que o processo e a performance constroem a obra juntos, num corpo/obra (de lembranças, de histórias, de experiências, de invento, de observação, de investigação, de “olhar”) das partes de um todo que é corpo para ensinar e aprender, aprender e ensinar. Aqui, se vislumbra, um vir a Ser em performance, em travessia, de mim para mim, do outro para mim, de mim para o outro. Um processo que é fenômeno visível e invisível, de um campo aberto e infinito que na relação dialógica para a aprendizagem, tudo se transmuta e nada se fecha, se limita, a porta está aberta em portas.

Nesse sentir/pensar, meu olhar concentra que: “Ver é, por princípio, ver mais do que se vê, é ter acesso a um ser de latência. O invisível é o relevo e a profundidade do visível [...]” (Merleau-Ponty, 2000, p. 21). Uma composição em ver, através das afecções do corpo, uma visão de mundo. Um processo em performance escrita, pelos poros, no toque dos meus dedos nas teclas (minhas digitais estão em teclas), as reverberações que permeiam em mim e que, no dedilhar invisível, sendo visível em palavras procura em outros olhares, motivos para Ser corpo no mundo, em resignificação, porque meu corpo está aqui, buscando aprender, aprender, aprender...ensinar, ensinar, ensinar...em fluxo de troca, partilha, no encontro de ações pedagógicas que se promulgam em re-pensar o corpo no **MUNDO/ESCOLA**, entre nuvens visíveis e invisíveis.

4.3 Eu/*Performer*/Regente: da experiência vivida para o processo sentido

No dia 08 de março de 2023, dia que se comemora o Dia Internacional da Mulher, comecei meu Estágio Supervisionado II, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro, no bairro dos Funcionários II, com a supervisão do professor de Artes, professor Watson Bulhões, meu esposo a quem dedico essa escrita, e tendo como professora orientadora de estágio, minha também orientadora dessa escrita, Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura, minha professora Mika.

Os alunos dos 8º e 9º anos do fundamental II (anos finais) das turmas 8º A, C e D e 9ºC foram meu encontro à obra, as construções e re-construções, a performance em mim. Os alunos foram abertura, travessia de olhares poéticos sobre eu e o outro, num *performar* (que me afeta e é afetado), no mais desejado, sonhado, dos meus anseios de sentidos fenomenológicos, sendo pedagógico.

Nesse primeiro encontro, meu processo teve início com a observação, um olhar atento, curioso, percebendo os alunos, a sala de aula, o professor de artes, a escola e seus espaços. No decorrer do primeiro mês de Estágio, através de registros fotográficos, procurei exprimir por imagens uma liga com as aulas de artes, que traziam conhecimentos sobre o Renascimento: escultura, pintura e arquitetura renascentista.

No âmbito da arquitetura, era ali, a esfera, as bordas, que eu iria ultrapassar. Assim, comecei a fotografar paredes, tetos, piso, janelas, portas, a edificação da escola como um todo, e nessas fotografias me vi inventariada pela composição, pela

combinação, de corpos e arquitetura, numa junção de teto, braços, janelas, pés, paredes, cabeças, corpos em experiência, procurando um re-construir o invisível no visível, no desafio de encontrar e reaver um sentido na relação de pertença no **EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA**, porque da escola somos encontro, relação, ação, envolvimento ativo e reversível entre corpo (vívido) e espaço (visível e invisível). Perceber o corpo na escola, tornou-se uma questão a ser sentida/pensada com a tenacidade de quem procura *mover* possibilidades de ver o corpo em sua totalidade no elo da aprendizagem, dançando conhecimento.

Imagem 14 – Entre paredes e corpos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Provocada por percursos que rompessem com padrões, o caminho das artes me levou a articular educação formal (ensino-aprendizagem) e performance. Porque quando sinto/penso o corpo no lugar da escola, vejo enfrentamento, inquietude, atrito. Eu sinto/penso em Angel Vianna, nas paredes em nuvens, eu sinto/penso! “Gente é como nuvem, sempre se transforma.” Assim, poetizando-nos! A escola precisa, necessita se transformar, está reciprocamente atrelada com os que fazem parte dela, que habitam e ocupam aquele lugar de pertença, numa relação recíproca de pertencimento. Assim, enxergando as paredes da escola como atravessáveis, poeticamente, abraçáveis.

Com a formulação de uma Sequência Didática envolta no tema, Dançar/Arquitetar: Flutuações Performativas do Corpo na Escola, após o período de observação me aprontei para o começo do meu encontro como regente, como estagiária que sonha ampliar o caminho acadêmico para, assim, reconhecer-me e Ser-me, **EU/OUTRO**.

Movida pelo assunto envolto da Arquitetura Renascentista que se diluía em uma apreciação da arte no Renascimento. Pois, a renascença marca uma transição. “O Renascimento é como que um momento limiar entre duas estruturas de pensamento, tradicional e moderna. Os “renascentes” marcam uma transição, mais que uma revolução” (Woortmann, 1997, p. 108). Assim, procurei Ser trânsito, passagem, travessia. Na fluidez do período Renascentista, findo-me o olhar sobre a arquitetura, sem deixar de perceber que “Não há, portanto, uma experiência histórica renascentista, há várias. Não há um renascimento, há múltiplos” (Sevcenko, 1994, p. 84). Assim, procurei corpos vastos e múltiplos, re-corpo. Neste campo de conhecimento, o qual o professor de artes, Watson, trouxe conceitos e reflexões, o arquitetar me causou, nessa experiência histórica, dilatação para proporcionar movimentos no espaço da sala de aula. Encontrando entre o ensino formal e a performance, caminhos para os corpos, em presença e pertença, constituírem aprendizagem, na escola.

Relacionar os parâmetros da Arquitetura Renascentista com o vínculo aluno/escola, numa consonância corpo e arquitetura, numa relação dialógica, de experimentação, de presença e nesse entre-lugar, a performance, foi para mim alicerçar do concreto, existência. Enxergando, o corpo e a arquitetura como inseparáveis, pois desconsiderar essa junção é sentir/pensar o todo pela metade, uma vez que a escola existe com seus habitantes e ocupantes, alunos, professores e todos

que ali faz-se presença. Sendo assim, o aluno/escola é um todo construindo-se, pois nessa conciliação, todos são escola.

Os detalhes da verticalidade, horizontalidade, profundidade, perspectiva, formas e simetria, presente nas partes que constituem a estrutura da Arquitetura Renascentista, foram as características que se fizeram construção e re-construção no caminho do meu *Eu/Performer*, sendo o impulso, na relação **EU/OUTRO**. Meu olhar para a escola, entre paredes e corpos, procurou Ser revelação, ato que hoje, nessa escrita se promulga como lugar de abertura, de uma idealizadora que artisticamente procurou sustentar a ação, o criar/fazer como articulação no **MUNDO/ESCOLA** em performance, no intuito de transformar a existência, naquele espaço.

Os alunos e a escola carecem de junção, integrar-se, atrelando-se no caminho da aprendizagem. Nesse instigante objetivo de escrita performativa, pelos poros do meu corpo, sou refúgio em escrita, em busca de articular sobre o corpo na escola, possibilidades de re-pensar o corpo. Meu re-corpo que, aqui e agora, se re-escreve, segue diante do processo sentido, sorrisos meus brotam, aqui e agora.

Lembrando, a experiência vivida na Escola Darcy Ribeiro, minha imaginação fertiliza-se. Pois, adentrei a sala de aula, como eu, Patrícia, *Performer/Regente*, e num estalo, rasquei o quadro, no meu sentido metafórico, (a louça em branco com resquícios de pincéis na cor azul), as minhas mãos foram de encontro aos vidros quebrados, eu abri várias vezes a porta e subi nas cadeiras para alcançar os tetos. Provocando aspirações e trazendo lembranças, imaginação e histórias, me vejo, inventariada, na subjetividade dos afetos, assim como os poetas que conseguem diminuir as distâncias com o mundo.

Voltando no tempo, guiada, pela minha imaginação (força poética de existir) e pelas lembranças (força poética de Ser), me encontro em performance escrita, contando a minha história em sala de aula. Então, peço leitor, que fique de olhos atentos ou entreabertos nesse momento que continua a me ler, em performance.

4.3.1 Meça o começo: do adentrar a sala de aula para *performar*

No primeiro encontro, na primeira aula, adentrar a sala de aula, para dá início, foi algo pulsional. Vejo agora, nesse instante, vestígios de uma menininha que desejou uma escola em desordem, sem carteiras enfileiradas, sem professores com varinhas malvadas (distante dos dedos que apontam, pois, ela é sensitiva), sem um

olhar fixo para o quadro, a louça branca, que nos impedi de adiantar-se. Eu queria crescer em “aventuras” de aprender e ensinar, de ensinar e aprender. Abrindo, portas: É na minha menininha, que meço o começo, minha presença, para *performar*, e na minha mãe, tenho o aval para Ser *performer*. Só para lhe certificar, estimado leitor.

Voltando ao começo, peguei uma carteira escolar e sentei em frente aos alunos, de costas para o quadro, procurando findar em encontro, nossos olhos. Apresentei-me: sou Patrícia, estudante; Sou Patrícia, estagiária; Sou Patrícia, regente; Sou Patrícia...Estava eu, vestindo um traje vermelho, na mesma cor dos tijolinhos vermelhos, que fazem a estética da sala de aula, não era minha intenção, mas esse acaso, tornou-se sugestivo, nos meus instintos mais íntimos de ajuntamento.

Imagem 15 – Ser performer



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Após um aquecimento e alongamento, das pequenas e grandes construções do corpo, onde abrimos e fechamos os olhos, mostramos os dentes, batemos os pés, encolhemos e esticamos o corpo na carteira escolar, levantei-me e pequei meu

caderno azul e suas escritas cheias de palavras em entusiasmo. Nos detalhes das anotações, fundi-me nas características (verticalidade, horizontalidade, profundidade, perspectiva, formas e simetria) da Arquitetura Renascentista com o meu corpo em transformação, procurando construir conhecimentos em experiência corpórea, em performance, urgida pela motivação de transgredir a visão mecanicista (corpo do aluno na carteira, corpo do professor à frente do quadro), que não consente, para mim, com a dimensão de Ser corpo na escola.

Então, meu corpo, em verticalidade, subiu na cadeira, em horizontalidade, deitou no birô do professor, em profundidade, andou de costas até o fundo da sala, em perspectiva, fui até o canto da sala, e nesse canto, perguntei para o aluno que estava lá atrás, no “fundão”: tá me vendo pequena ou grande? Mediam-me com as mãos e fechavam um dos olhos para melhor ajuste. Nesse fluxo, os corpos dos alunos, torciam-se, pés saíam do lugar, cabeças mexiam, olhos acompanhavam as movimentações e as expressões faciais me levavam a revelação, de tão quão aquilo tudo era diferente do que estavam acostumados, no ato da aprendizagem. Minhas lembranças, trazem o espanto, a surpresa, os alunos, seus corpos, suas palavras, seus sorrisos, manifestavam uma vibração da qual não consigo exprimir. Porém, eu, estava em deleite com minhas mãos trêmulas, suadas, frias, um corpo feliz, pelo que estava vendo, e revejo hoje, em memórias. Ela é o movimento de investigar e questionar, até chegar aos seus anseios, a essência do fenômeno da existência, da vida na escola. Ela sou eu! “Aquela mulher”, era assim que me chamavam, nesse percurso de ensinar-aprender.

Em continuidade, resgato, remonto, a lembrança das carteiras que se posicionam de forma simétrica, assim, falamos em simetria, cadeiras enfileiradas, lado a lado num certo distanciamento. Com relação as formas, as atenções foram voltadas as janelas quebradas, os vidros quebrados das janelas tinham formas, assim, os alunos diziam. Lembro-me, nesse momento, da minha escrita, anterior a essas linhas, que *performei* sobre invisibilidade, as formas que os vidros quebrados davam as janelas, levam-me a aspectos de desaparecimento, onde, para Ser material, o que eu vi e ouvi dos alunos, foi descuido. Porém, para Ser vida, me fez ver e ouvir dos alunos, que através dos vidros quebrados existe um olhar de fuga. Pois, a abertura que os vidros quebrados proporcionavam, levavam os alunos a verem o outro lado, fora da sala de aula.

Nesse contexto, mais que negligência, as janelas em suas formas em vidros despedaçados de alguma maneira quebravam barreiras necessárias, no sentido poético e político de existência, por entre o vidro quebrado, existia a abertura para ver através da infinitude do corpo, a troca do palpável pelo sensível, pois ali, nas formas, existiam possibilidades de paisagens, passagens pelo corpo para ver o que tinham além da sala de aula, paisagens.

Com um pincel vermelho em mãos, fui até o quadro branco e escrevi: “construir portas abertas, em portas”, trecho do poema de João Cabral de Melo Neto, *Fábula de um Arquiteto*. Tocando nas bordas do quadro, deslizei meus dedos, contornando aquela louça branca retangular, rasgando-o! A sonoridade dos meus dedos em atrito com a louça, ecoava. Fecho meus olhos agora e rememoro a sonoridade.

Imagem 16 – No toque das bordas



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

4.3.2 Se não é performance, é o quê?

No encontro, dos meus dedos com a louça, meu corpo ficou envergado e escutava os sussurros: ela tá formando um retângulo, ela é uma mulher corcunda, ela tá fazendo som, tá procurando alguma coisa, virou um bicho... Eu *Performer/Regente*, nesse momento, às 20:00h, de uma sexta-feira, no dedilhar dessa escrita, tocada no sentido amplo das significações, entrego que:

Performance não é outra coisa senão a junção idiossincrática entre ser e fazer. Aquilo que a tradição educacional se esmerou em separar reencontra na Performance uma possibilidade infinita de variação, de criação. O corpo aparece não mais como algo docilizado, mas como algo a ser potencializado, colocado no centro da atividade. Performance e Educação se fazem no corpo, com o corpo e para o corpo. Não há Performance sem o olhar do outro, portanto falamos aqui de um corpo compartilhado, partilhado na ação de fazer e olhar, interagir e reagir (Icle, 2013, p. 21).

Nessa relação dialógica, de imaginar, de adivinhar, me vi, corpo que articula possibilidades de interação, de reação, nos mais abertos olhares que me fez presença e que proporciona em corpo, uma partilha, num criar/fazer, de sentidos e significados. O movimento delinea ações e a intencionalidade consiste em reflexão, porque no corpo, no *mover*, existe fonte de conhecimento, a potência da ação corpórea, da performance, um saber, motivado pelo olhar, pela curiosidade, pelo relacionar-se, em descobertas. O corpo é abertura para receber e passar, passar e receber, sentidos e significados em amplitude, em conhecimentos vastos e múltiplos, assim como transição do renascimento para a vida.

Nesse percurso, de adivinhação, ao chegar no alto da borda do quadro (lembrei-me das cúpulas no alto da Arquitetura Renascentista), disse que tinha pego algo, fechei as mãos, e de imediato, os alunos, indagaram: O quê? Então, respondi: Peguei um “estalo”. Esse estalo foi colocado em sentido de ideias, nesse contexto, de um estalo surgiu uma ideia. Também tem conexão com os estalos das paredes, dos corpos.

Arremessei, esse “estalo” para o professor/supervisor, Watson Bulhões, e ele passou adiante. De aluno para aluno, esse estalo seguiu em movimentações que traziam um olhar no arremesso para chegar ao outro. As falas, no arremesso, sobre o estalo, eram de que ele era pesado. Nas movimentações e falas expressavam-se saberes, os corpos em arquiteturas de sentidos, exibiam ativamente, experiências. Eu sou enquanto relação com o outro, a *performer*/regente chega na relação como experiência inserida em mim, “a maneira pela qual eu sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo” (Merleau-Ponty, 2006, p.23). Através e pelo corpo, aparecem caminhos que possibilitam um afetar o corpo, ou seja, o espaço da sala de aula, cria/faz condições de visibilidade e percepção quando se torna um lugar de encontro entre os professores, os alunos e seu espaço (paredes, janelas, teto, porta, piso, quadro, carteiras). Nesse atentar-se, o “estalo” numa turma saiu pela janela, na

outra, ficou guardado com um aluno, em outra, estourou no chão, e na outra, desapareceu.

O experienciar, através do *mover*, o “estalo” (ideia), levou para a performance, o encontro, num vaivém de relações, em partilha, de trocas, o qual me permite colocar, aqui e agora, nessas linhas, que todo nós que estávamos na sala de aula, somos *performers*, assim, compreendo que não somente eu, naquele dia, era a *Performer/Regente* como os alunos eram *Performers/Alunos*. Nossa composição em sala, onde eu/movimento, e eles, os alunos/movimentam, me instigou a refletir e a trazer para a escrita, que essa experiência nos torna uno na composição da aula. “[...] a Arte da Performance é, de certa maneira, um desses pontos de interseção, imagens transparentes sobrepostas[...]” (Rossini, 2005, p. 56-57). Pois, em sala de aula, naquele momento, naquele dia, naquele tempo, estávamos todos nós, no **MUNDO/ESCOLA**, emaranhados uns com os outros, num encontro de partilha, onde “[...] cada performer cria sua própria definição ao longo de seu processo e modo de execução” (Goldberg, 2006, p. 9). Nesse experienciar, de encontro, de relação dialógica, no entre-lugar, estava a performance, nos alinhando, enquanto *Performer/Regente* e *Performers/Alunos*. Esse enxergar-nos, que me vem agora em escrita, levam as minhas mãos em teclas, se agitar. Pois para mim, há uma bela sensação, um entusiasmo, nesse, juntos, na aprendizagem em performatividade.

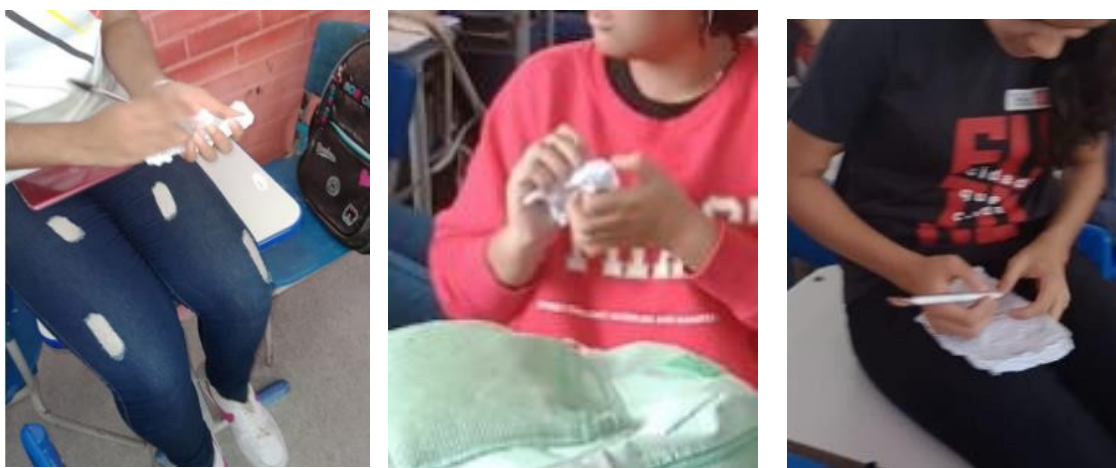
O peso do “estalo”, põe nessa escrita, um fortalecer a performance e a aprendizagem. Pois, quanto mais me lembro da minha atuação como estagiária, *Performer/Regente*, me lembro dos vestígios de mim que ficou lá, e me trouxe cá, a *performar* palavras. A performance instaurada lá, contribuiu para o re-pensar o corpo na escola, e avivar a intenção desse TCC. No encontro, entre eu e os alunos, em presença, a performance e a aprendizagem atravessaram fronteiras entre **EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA**.

Re-voltando para o “estalo”, abertura em ideia, passamos a dialogarmos sobre o peso das coisas, falando fenomenologicamente e performativamente em vida. Nesse alicerce surgiram questões sobre violência, agressão, entre outros assuntos que estavam na invisibilidade, assim, como o desaparecer pelas quinas das paredes dos corredores, assim como os vidros quebrados das janelas. No meio do diálogo, arranquei uma folha de papel do meu caderno e fiz uma bolinha, a famosa “bolinha de papel”, que a gente joga uns nos outros a anos na escola. Quem não se lembra desse

arremesso? Pois, gostaria muito na minha meninice, ter tido a satisfação de jogá-la aos montes, para Ser, em olhar, em escuta.

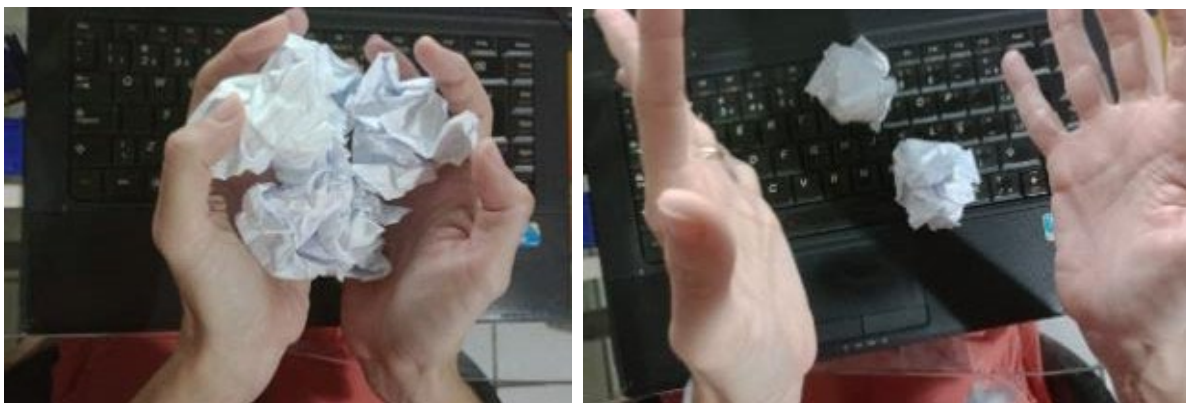
Pedindo, então, que esse arremesso fosse singelo, assim me vejo poética e política, arremessei então, a bolinha, de forma leve e nessa performance, em corpo aberto, falei para que colocassem lá, no abrir da bolinha de papel, uma palavra que fosse significativa na relação corpo/escola.

Imagem 17 – Do arremesso singelo



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Tristeza, cansaço, sono, engessado, julgado, excluído, bagunça, preconceito, paz e amor... Essas palavras foram as palavras que preencheram a bolinha de papel de sentidos e significados. Lanço, agora, essas bolinhas de papel em meu teclado, em busca de uma ação, em profundidade de sentidos, para articular, re-ação, significados. Para mim significa uma transversalidade do tempo e do espaço. O que não fiz na minha infância, faço, agora, por mim, pois os alunos foram fluxo de atravessamento. Acreditando que tudo comunga-se, quando atravesso-me, o entrelaçado se instala no mundo. Ela busca na sua fuga, uma ressonância com outros.

Imagem 18 – Do arremesso singelo em mim

Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Procurando um criar/fazer no corpo, as expressões contidas na bolinha de papel e no peso do “estalo”, em performatividade, em uma outra aula, outro encontro, levei a sala de aula, a proposta da fotoperformance, procurando um relacionar palavras/corpo com o corpo/arquitetura, na intenção de corpo/escola.

Em pesquisa para continuidade da Sequência Didática me deparei com uma dissertação de mestrado, defendida por Tarla Roveré (2020), *Desterritorialidades do corpo na instituição de ensino: a fotoperformance como arte/educação*, essa monografia colaborou como caminho investigativo e explanativo para seguirmos, em performance, arquitetando-nos a Ser-nos. Algumas imagens do acervo pessoal de Roveré, aos meus olhos foram chamamento, pois cruzavam-se com as escritas da “bolinha de papel” e o peso do “estalo”. Nesse encontrar, em pesquisa, me deparei com as obras de Helena Almeida “Tela Habitada” e uma imagem do “Corpo-arquitetura” do Coletivo Teatro Dodecafônico, que foram as propostas levadas a sala.

Imagem 19 – Tela Habitada

Fonte: Helena Almeida, 1976

Imagem 20 - “Corpo-arquitetura”

Fonte: Coletivo Teatro Dodecafônico, 2014

Tendo como recurso uma TV, apresentei essas imagens, e partimos para os diálogos. Os alunos, *performers*, elucidaram suas interpretações, reflexões e analogias com a escola, chegaram a relacionar a escola com uma prisão/presídio. Nessa alegoria, “prisão” escola e “prisão” presídio os discursos se alastraram no enxergar a escola como um lugar de aprender e o presídio um lugar de delito. Porém, diante dessas colocações, os alunos atrelaram, que em ambas edificações possuem grades, muros, refeitórios, pátio, assim, eles falavam, *performavam*.

Começamos a composição das fotoperformances, e elas, as fotos, as performances, receberam nomes: O Peso da Mochila; Chegar ao Alto; Amizade; Sair pela Janela, foram alguns dos nomes dados as performatividades. Os corredores também foram habitados e ocupados pelas performances fotográficas, no término de cada aula, a sala de aula e corredores estavam tomados, num entrelaçar de aluno/aluno, em portas, janelas, piso, paredes.

Imagem 21 – Fotoperformances em pele





Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Em escrita, nesse instante, pausei, para olhar o céu, estou de volta transmutada de realização. Reaver, essas fotoperformances me transborda de resignificações. Sinto/penso que no concreto existe uma significância de sentidos no criar/fazer para Ser no mundo. Nessa poética, em escrita, a performance, me faz acreditar em possibilidades, sendo possíveis. *Performo*, porque demolir muros, transpassar paredes, criar uma mudança arquitetônica, é uma abertura para a ruptura da verticalização das relações, da educação formal como lugar de disciplinar para um lugar de instruir.

Em poros, assim olhando as peles, agora em fotoperformances, as vejo ampliadas, me levando ao tocante sentido de construir, de atravessar-me em outros. Tornar a escola viva, ativa com corpos/alunos em suas flutuações performáticas na escola, é algo que é possível, mesmo diante dos tijolos que insistem em “emparedar-nos”. Assim, na busca, na procura, na compreensão, seguimos, nesse entre-lugar, a performance, sendo agora, em outro encontro, moldura.

Imagem 22 - Molduras em peles



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Em continuidade, emoldurar-se e emoldurar, transgredindo o sentido de habitar e ocupar a escola. Pensando no atravessamento, o corpo em moldura veio como táctica-tátil, de pele com pele, de procura para nos colocar dentro e para além da

moldura, transcender, “[...] que se atravessa para além do que se vê por entre molduras. O outro que te atravessa e te revela(...)Potência de sentir, de mover, de se comunicar sem uma única palavra. Apenas no toque, na sensação, no ombro a ombro, lado a lado[...].” (Gorini, 2020, p. 45). O ato de travessia é moldura, arquitetura, passagem.

A arte da performance, permite observar, olhar, entreolhar a paisagem, que, aqui e agora, é significativo para meus anseios. Sendo para mim, percurso de mim, de conhecer-me e re-conhecer em lembranças, histórias e memórias o que SOU, quando emaranhada a outros. Minha escrita chega aqui, tão grata e feliz, porque agora trago paisagens de onde, e para onde chegou à performance. Neste momento, nesse Capítulo III, ensejo a lembrança, que ao término das minhas aulas na Escola Darcy Ribeiro, uma professora da escola, olhou para mim e falou: “A escola está cheia de vida”. Meu olhar, direcionou-se aquele lugar, a escola, e vendo os alunos em meio ao colorido e o professor supervisor, Watson, meu esposo, sorrindo, isso me levou a reflexos, de que em performance me encontrei, e na minha incompletude, completei-me de amor, em corpo escrito.

Imagem 23- Escola/vida





Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Imagem 24 - Fenomenologia e Performance



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Contagio-me no aberto, em fotografias, as memórias concretas da experiência, para mim tão poética, quanto política. Transformei-me, mudei espargindo no tempo, meu estágio teve seu findo nos festejos juninos, em festa. Assim, correntes, balões, bandeirinhas de papel habitaram e ocuparam, os espaços da escola, pelos corpos, deles, *os performers*, os alunos.

As mãos, os pés, os corpos mediam portas, janelas, tocavam os tetos, subiam nas cadeiras, assim, construindo e re-construindo, aquele lugar, a escola, que emergia, em uma outra arquitetura. “No processo de transformação e inovação que designamos pelo termo “Renascença”, o que era considerado como “apropriado” e “impróprio” nas relações humanas sem dúvida mudou em certa medida” (Elias, 1994, p.86). Mesmo que por um instante. Pois, em percepção, sabemos que rupturas não acontecem por completo, estamos há anos, diante de uma educação formal que disciplina, dociliza, adestra. Porém, somos corpos, em movimento, e isso ultrapassa modos de Ser no mundo, no **MUNDO/ESCOLA**.

5 CONSIDERAÇÕES OU DISPOSITIVOS PARA *PERFORMAR*

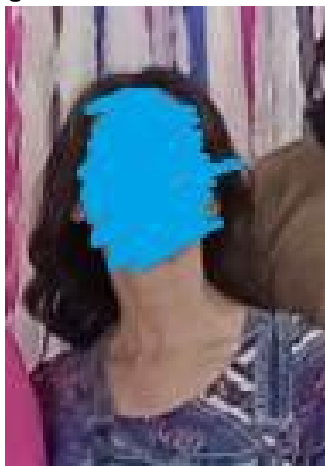
Imagem 25- Dedos sobre teclas



“A escrita performativa decreta a morte do “nós” que pensamos que somos, antes de começar a escrever. A declaração de fidelidade à radicalidade do desconhecido que vamos nos tornando nesta escrita empurra contra a ideologia do conhecimento como um movimento progressivo para sempre. Dessa forma nunca se aproxima de uma conclusão ou de ponto final” (Peggy Phelan, 1997).

Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Imagem 26 – Revestida de muitas



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Eu que aqui estou, em minhas considerações, chego em lágrimas, molhando o teclado do meu computador, nuances de Ser. Nesse momento insisto em dispositivos para *performar*, colocando a última imagem das minhas mãos em teclas, em momento presente, que aqui chego. A escrita aqui, *performada*, reveste-se no ir além, mesmo diante da imagem das mãos sobre as teclas em fim, sendo infinitude, pois a intenção, os anseios, os desígnios em continuidade, de seguir, seguir, seguir, findam e ultrapassam. Que essas páginas sejam resquícios do meu suor, das minhas lágrimas, da minha inquietude, dos meus intuitos mais íntimos, de te tocar colateralmente, assim, teclando, fenomenologia, em vida, e arte, em performance.

O que avivo em escrita, nas lembranças, nas histórias, me fazem presença em performatividade, pois aqui estou, no dedilhar, vivendo a experiência. “A experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal de carne e osso, como a própria vida (Larrosa, 2019, p. 40). Assim, já não me vejo, Patrícia, nem em escrita, nem em sala de aula, “educar-se é aprender a sair de si e a interessar-se pelos outros. É aprender a convivência em sua dimensão mais profunda” (Rezende, 1978, p. 280). Talvez, isso seja o impulso de Ser, o impulso de Ser outras, e continuar em performances. Vejo-me, em eus, performando, em atravessamentos, atravessáveis em outros.

Já não SOU a mesma, o que consegui aprender e ensinar, ensinar e aprender no processo, na experiência, na relação dialógica, na presença, na performance, traz-me os outros, assim, tenho que Ser muitas.

A performance é o entre-lugar, que meu corpo, esse corpo acabado, se cria/faz refeito, assim, inacabado, em movimento. A sala de aula, da Escola Darcy Ribeiro foi só o começo, o propósito para adentrar-me no mundo de Ser na escola, de Ser na escrita.

Habitar e ocupar esse espaço, tanto de escola, tanto de escrita ampliou o olhar para o mundo, uma aproximação, que aferiu-me nos dois processos: de *Performer/Regente* e de *Performer/Escritora*, e que levaram a experimentar e relacionar, em espaços que me propôs Ser vida, com afeição pelo e para o mundo.

Romper barreiras é minha ousadia pedagógica, assim, *movida* pela e para a arte. Trazer minhas histórias, memórias foi minha ação performativa, pelo coletivo, **EU/OUTROS**, em partilha, atrelando-nos. Adentrar-me na escola e em escrita, meu olhar fenomenológico existencial, procurou proporcionar sentidos e significados, na amplitude política e poética, de se fazer ação e sentir pelos outros em educação, de instruir e não disciplinar. A performance convoca um corpo de saber, exaltando no seu sentir/pensar e criar/fazer. Ela entrega e recebe do mundo, os seus sentidos e significados, em possibilidades de sensações. Acredito que chegando nas bordas do quadro, subindo nas cadeiras, assim, consegui chegar a minha intenção de outras possibilidades de ver, de ver-se no **MUNDO/ESCOLA**. Agora, nesse momento, meus poros dilatam, a escrita *performa*, realização, o objetivo geral foi confirmado, assim, confio. Pois eu subi nas cadeiras e eles também, vimos o mundo de modo diferente, juntos. No contar as minhas histórias, renasci em mim, em re-corpo, transformado e refeito, no **EU/OUTRO/NÓS/MUNDO/ESCOLA**.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVIC, M. **Terra comunal**: Marina Abramović. MAI/Organização de Jochen Volz e Júlia Rebouças; Tradução de Tiago Novaes. - São Paulo: Sesc, 2016.
- ALMEIDA, J. O corpo, a aula, a disciplina, a ciência. **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 21.1985.
- BEZERRA, R. S. **As inter-ações entre espaço do corpo e o movimento dançando**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Natal – Dissertação, 2012.
- BICUDO, M. A. V. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. *In*: _____ (org.). **Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BOAVENTURA, M. A. G. **O trabalho docente me dança**: uma análise crítica desde a formação profissional à atuação na educação básica. João Pessoa: UFPB, 2021.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BUTLER, J. **Excitable Speech**: a politics of the performative. New York: Routledge, 1997.
- CARDINALLI, I. E. A psiquiatria fenomenológica: um breve histórico. **Revista da Associação Brasileira de Dasensanalyse**, São Paulo, n.11, 2003.
- CIOTTI, N. **O professor-performer**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- CORDEIRO, N. da R. **A casa em verso e prosa**: canções, poesias e subjetividade do conceito de casa. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Desenvolvimento Urbano, 2015.
- FABIÃO, E. Performance, Teatro e Ensino: poéticas e políticas da interdisciplinaridade. *In*: TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson (org.). **Cartografias do Ensino do Teatro**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- FONTANELLA, F. C. **O corpo no limiar da subjetividade**. Piracicaba: UNIMEP, 1995.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 4. ed. Trad.: A. F. Cascais e J. B. Miranda. Vega: Passagens, 1977.
- FOUCAULT, M. **Os corpos dóceis. Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a. p. 125-152.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: [s.n], 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olha d'água, 2001b.

GOLDBERG, R. **A Arte da Performance: do futurismo ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GORINI, P. **Corpo político e disputas em rede: discursos, performatividades e dissenso nas lutas políticas contemporâneas**. [S.l.: s.n], 2020.

GUATELLI, I. **Arquitetura dos entre-lugares sobre a importância do trabalho conceitual**. São Paulo: Senac, 2012.

GUINSBURG, J.; FARIA, J. R.; LIMA, M. A. de. **Dicionário do Teatro Brasileiro – temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Tradução: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC- Rio, 2010.

ICLE, G. Da performance na educação: perspectivas para a pesquisa e a prática. *In*: PEREIRA, M. de A. (org.). **Performance e educação: (des)territorializações pedagógicas**. Santa Maria, RS: UFSM, 2013.

LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LACERDA, W. M. G. **Famílias e filhos na construção de trajetórias pouco prováveis: o caso dos iteanos**. 2006. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MCLAREN, P. **Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MELO NETO, J. C. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **A linguagem Indireta e as vozes do silêncio**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os Pensadores).

MERLEAU -PONTY, M. **A prosa do Mundo**. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 3 ed. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. 4. ed. Tradução Jose Artur Giannotti e Armando Mora. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MINAYO, M. C. De S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo, 1996.

MORIN, E. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003.

MOUTINHO, L. D. S. **O Sensível e o Inteligível: Merleau- Ponty e o problema da racionalidade**. Belo Horizonte: Kriterion, 2004.

PALLAMIN, V. **Performatividades e visibilidades**. Salvador: EDUFBA, 2017.

PEREIRA, M. de A. Performance e educação: relações, significados e contextos de investigação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 289-312, 2012.

PHELAN, P. A ontologia da Performance: representação sem reprodução. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 24, 1997.

REZENDE, A. M. **Educação e ser-no-mundo: um projeto de fenomenologia da educação**. 1978. 417f. Tese de Livre Docência (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1978.

ROSSINI, E. **Objetos para Ação**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROVERE, T. **Desterritorialidades do corpo na instituição de ensino: a fotoperformance como arte/educação**/Tarla Roveré; Larissa Patron, orientadora. Rio Grande do Sul: Pelotas, 2020.

SETENTA, J. S. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SEVCENKO, N. **O Renascimento**. São Paulo: Atual, 1994.

TOURINHO, L. **Um Estudo da Construção da Personagem a partir do Movimento Corporal**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2004.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: UnB, 1999. 2 v.

WOORTMANN, K. **Religião e ciência no Renascimento**. Brasília: Ed. Universitária, 1997.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.